

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

LARISSA FERREIRA DE QUEIROZ

TESTEMUNHO E SUBJETIVIDADE NO PODCAST NARRATIVO
“RÁDIO NOVELO APRESENTA” EM TEMPOS DE FORMATOS HÍBRIDOS

Juiz de Fora
2024

LARISSA FERREIRA DE QUEIROZ

**TESTEMUNHO E SUBJETIVIDADE NO PODCAST NARRATIVO
“RÁDIO NOVELO APRESENTA” EM TEMPOS DE FORMATOS HÍBRIDOS**

Trabalho final da disciplina de TCC II do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia de Albuquerque Thomé

Juiz de Fora
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira de Queiroz, Larissa.

TESTEMUNHO E SUBJETIVIDADE NO PODCAST NARRATIVO
"RÁDIO NOVELO APRESENTA" EM TEMPOS DE FORMATOS
HÍBRIDOS / Larissa Ferreira de Queiroz. -- 2024.
74 f.

Orientadora: Cláudia de Albuquerque Thomé
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Trabalho acadêmico. 2. Podcast. 3. Rádio Novelo Apresenta. 4.
Subjetividade. I. de Albuquerque Thomé, Cláudia, orient. II. Título.

RESUMO

O podcast está crescendo cada vez mais no Brasil. Segundo a pesquisa TIC Domicílios o consumo do formato quase dobrou de 2019 para 2021. A amplificação do consumo dos podcasts tem relação com a popularização das plataformas de streaming, crescimento do uso de smartphones e ampliação do acesso à internet. O “*Rádio Novelo Apresenta*” é um podcast lançado em 2022 que narra histórias, entretém e informa por meio de reportagens em áudio. O presente trabalho busca analisar as estratégias utilizadas na narrativa do podcast “*Rádio Novelo Apresenta*” a partir da análise de 3 episódios da playlist “*This is Rádio Novelo Apresenta*” disponível na plataforma Spotify em comemoração ao primeiro ano do programa. Como lentes conceituais para análise, mobilizamos Reis e Thomé (2022) para discutir subjetividade, Dejavite (2007) para infotainment e Becker (2021) sobre hibridismo. O trabalho busca compreender os recursos utilizados neste formato radiofônico expandido e as estratégias na construção de sentido por meio da metodologia da Análise Crítica da Narrativa de Motta (2013) com a abordagem de Viana (2022) para podcasts. Como resultado, entende-se que o podcast *Rádio Novelo Apresenta* mostra uma tendência do jornalismo para o uso da subjetividade como estratégia de narrativa, trazendo elementos do narrador-testemunha para seu foco narrativo e criando uma conexão maior com o público.

Palavras-chave: podcast; foco narrativo; subjetividade; Rádio Novelo.

ABSTRACT

The podcast is growing more and more in Brazil. According to the TIC Domicílios survey, consumption of the format almost doubled from 2019 to 2021. The amplification of podcast consumption is related to the popularization of streaming platforms, the growth in the use of smartphones and the expansion of internet access. “*Rádio Novelo Apresenta*” is a podcast, launched in 2022, that tells stories, entertains and informs through audio reports. This work seeks to analyze the strategies used in the narrative of the podcast “*Rádio Novelo Apresenta*” based on the analysis of three episodes of the playlist “*This is Rádio Novelo Apresenta*”, available on the Spotify platform, in celebration of the first year of the program. As conceptual lenses for analysis, we mobilize Reis and Thomé (2022) to discuss subjectivity, Dejavite (2007) for infotainment and Becker (2021) on hybridity. The work seeks to understand the resources used in this expanded radio format and the strategies in constructing meaning through the methodology of Motta's Critical Narrative Analysis (2013) with Viana's (2022) approach to podcasts. As a result, it is understood that the *Rádio Novelo Apresenta* podcast shows a tendency in journalism to use subjectivity as a narrative strategy, bringing elements of the narrator-witness into its narrative focus and creating a greater connection with the public.

Keywords: podcast; narrative focus; subjectivity; Rádio Novelo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência de publicações nos anais dos congressos (2019 a 2023).....32

Tabela 2 - Levantamento temático nos Anais da Compós (2013-2023).....33

Tabela 3 - Levantamento temático nos trabalhos sobre podcast nos Anais do Intercom (2019 -2023).....34

Tabela 4 - Levantamento temático nos Anais do SBPJor (2019 -2023).....36

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	8
2 - NARRATIVAS HÍBRIDAS ENTRE O FÁTICO E O FICCIONAL.....	10
2.1 – É possível informar e entreter? O conceito de infotainment.....	10
2.2 – Foco narrativo contemporâneo.....	12
2.3 – Narrativas e oralidade.....	20
3 - CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO E NA PALMA DA MÃO.....	24
3.1 – Sistema de narrativas radiofônicas.....	24
3.2 – O que é o Podcast afinal?.....	27
3.3 – Mapeamento das pesquisas sobre podcast no Brasil.....	31
4 - ANÁLISE: RÁDIO NOVELO APRESENTA.....	38
4.1 – O podcast “Radio Novelo Apresenta”.....	38
4.2 – A playlist “This is Radio Novelo Apresenta”.....	40
4.3 – Proposta de análise da narrativa em três episódios.....	42
4.4 – Perspectivas sobre as estratégias narrativas do Rádio Novelo Apresenta.....	65
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
APÊNDICE A	
APÊNDICE B	

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar as estratégias narrativas utilizadas no podcast “*Rádio Novelo Apresenta*” produzido pela produtora Rádio Novelo, uma das maiores produtoras de podcasts jornalísticos do país, responsável por mais de 20 produções em áudio. O interesse é compreender a estrutura desenvolvida por essa mídia comunicacional que se destaca no ambiente sonoro, compreendendo quais são as estratégias que o podcast usa para atrair e conquistar os ouvintes. Nesse sentido, procuramos investigar qual é o foco narrativo escolhido para criar uma narrativa envolvente, assim como elementos e recursos sonoros utilizados. Dessa forma, podemos interpretar quais são as práticas da comunicação contemporânea e identificar como os recursos sonoros podem ser usados para contar boas histórias que interessam o público.

O objetivo deste trabalho é investigar a identidade sonora e narrativa do podcast “*Rádio Novelo Apresenta*”. A escolha se deve à sua alta qualidade, o podcast alcançou 38 mil fãs no Spotify em 2023, permanecendo 43 semanas nas paradas da plataforma. Além disso, o podcast foi incluído na lista dos Top Novos Programas de 2023 no Apple Music. A ideia do trabalho é entender o que torna esse produto em áudio tão atrativo e relevante.

Para este estudo, o trabalho traz ainda quais foram as mudanças e evoluções que ocorreram desde o surgimento do rádio até chegar aos dias de hoje, com o formato de podcasts. Durante o trabalho, vamos explorar a ascensão desse formato, que se consolidou na última década com a difusão de dispositivos móveis e plataformas digitais, como o Spotify.

Ao longo dos últimos anos, o jornalismo tem adquirido características únicas com o objetivo de conquistar os espectadores, adaptando-se às novas tecnologias e tendências. Para aprofundar essa análise, este estudo se baseará no conceito de rádio expandido (Kischinhevsky, 2016), que compreende o rádio como um meio multimídia e interativo. Além disso, serão investigadas as relações entre o factual e o ficcional nas narrativas contemporâneas (Becker, 2021), bem como os diferentes tipos de foco narrativo (Leite, 2002) e sua influência na construção de sentidos na narrativa no jornalismo. A pesquisa também considerará o impacto da Sociedade 5.0 (Reis e

Thomé, 2022), que valoriza a experiência emocional para criar autenticidade das mídias.

A pesquisa tem como objeto os três primeiros episódios da playlist "*This is Rádio Novelo Apresenta*" disponíveis no Spotify e buscará identificar as temáticas, a estrutura narrativa e a relação entre as histórias apresentadas em cada episódio. Para alcançar esse objetivo, será utilizada a Análise Crítica Narrativa de Motta (2013), adaptada por Viana (2022) para o contexto de mídia sonora. Essa metodologia permite uma análise profunda das narrativas, considerando os planos da expressão, da estória e da metanarrativa.

2 - NARRATIVAS HÍBRIDAS ENTRE O FÁTICO E O FICCIONAL

Na contemporaneidade detecta-se um hibridismo de narrativas nas produções audiovisuais. Este capítulo explicará como a narrativa híbrida consegue mesclar o fático com o ficcional, trazendo como embasamento os conceitos de infotenimento (Dejavite, 2007), uma vez que existem estilos de programas em que o jornalismo quer informar e entreter seu público. Busca-se entender se é possível informar e entreter ao mesmo tempo, sem perder a qualidade do jornalismo. O capítulo também trará o conceito de foco narrativo (Leite, 2002) que será base teórica importante neste trabalho e seu desenvolvimento dentro da narrativa contemporânea, de acordo com Benjamin (1994) e Santiago (2002) até chegar na influência da Sociedade 5.0 nas narrativas contemporâneas, com ênfase na subjetividade e no testemunho para se conectar com o público e transmitir ideias (Reis e Thomé, 2022). Nesse sentido, o conceito de literatura de ouvido (Thomé, 2015) será fundamental sobretudo quando se percebe seu deslizamento para a *web*.

2.1 – É possível informar e entreter? O conceito de Infotenimento

Não é novidade que o ato de informar tem adquirido elementos do entretenimento, esse movimento está presente em programas de entrevistas, revistas sobre celebridades, documentários e podcasts. A combinação entre informação e entretenimento é definida pelo termo “infotenimento”, Dejavite (2007) aponta que esta é uma estratégia para atrair audiência enquanto se divulgam informações relevantes por meio de reportagens, notícias e outros tipos de mídia.

Esse tipo de abordagem se intensificou no cenário contemporâneo devido a uma mídia muito mais abrangente, em que novos formatos surgem para se adequar às inovações e tecnologias. Como consequência, o consumidor pode escolher entre diversas opções de consumo e passa a ter uma maior demanda cultural. Dejavite (2008) explica que o entretenimento pode ser uma forma de distração e prazer, mas também é uma maneira de formação intelectual em determinados momentos.

No entanto, o jornalismo de infotenimento ainda sofre um certo preconceito diante de veículos renomados. Dejavite (2007) observa que o entretenimento oferecido no conteúdo editorial é julgado como um subproduto ou um desvio da atenção de

pautas mais importantes dentro do jornalismo. Tal ideia é compartilhada por alguns jornalistas, uma vez que diante dos critérios de noticiabilidade que definem o valor de uma notícia, o infotenimento trata de assuntos que têm menos relevância em comparação com outros que atingem toda a sociedade, como política e economia.

Dejavite (2007) analisa uma visão tradicional do jornalismo na qual “o conteúdo sério é considerado aquele em que o jornalismo se aprofunda, investiga e transmite informações novas”, já o conteúdo “não sério” é aquele que busca divertir por meio de assuntos amenos ou que buscam incentivar ideologias de consumo. Segundo os estudos conduzidos por Dejavite (2008), existem dois jeitos de observar o entretenimento: por uma perspectiva otimista e pela perspectiva pessimista. A primeira opção enxerga que existe um auxílio no crescimento do indivíduo, ou seja, é algo útil para nossa vida cotidiana. A segunda acredita que o entretenimento é apenas um instrumento de alienação. Neste trabalho, assumimos uma posição otimista do infotenimento diante do jornalismo contemporâneo.

O que Dejavite (2007) defende é que o ato de entreter não impede que o jornalismo continue fazendo sua prestação de serviço com temas relevantes e necessários à sociedade, a notícia considerada *light* ainda é um tipo de informação que pode contribuir para a formação de quem consome.

Apesar desse entraves, a notícia *light* é um conteúdo legítimo, pois é solicitado pelo receptor que quer se inteirar e entreter ao consumir as informações jornalísticas que lhe interessam, sem contudo, deixar de adquirir conhecimentos necessários à sua sobrevivência. (Dejavite, 2007, p.12)

Ao consumir diferentes tipos de jornalismo, não deveríamos incentivar uma hierarquização sobre os assuntos ou reduzir determinadas editorias, como “esporte” e “cultura”, a um simples entretenimento irrelevante. Dentro dessas categorias, o jornalista ainda pode abordar aspectos políticos e sociais, tudo dependerá das escolhas de angulação utilizadas pelo profissional e o formato definido para a veiculação de reportagens.

Como Dejavite (2008) aponta, a fronteira entre jornalismo e entretenimento nunca foi nítida e a união desses elementos é praticamente inevitável no atual contexto contemporâneo. Nesse sentido, podemos citar como um exemplo de infotimento a charge, que está presente no jornalismo impresso e explora a crítica de temas relevantes por meio de desenhos e humor. Outros elementos como a fotografia e a diagramação são relevantes para a construção do infotimento no meio impresso. Além disso, algumas temáticas como moda, gastronomia, música, lazer e esporte se encaixam nessa categoria e podem mesclar muito bem a demanda por informações e entretenimento. Em resumo, todos esses conteúdos conseguem satisfazer os interesses do consumidor contemporâneo de jornalismo.

2.2 – Foco narrativo contemporâneo

Quando pensamos em narrativa, entendemos que este é um tipo de experiência comum a toda a sociedade e que sem ela não seria possível compreender o mundo em que vivemos. Como Motta (2013, p. 70) afirma: “a narrativa é uma forma de sucessivo empalavramento dramatizado da realidade imediata para ajudar o homem e as coletividades a se situarem no mundo e na história”.

Sem a narrativa não seria possível assimilar o passado e desenvolver o presente, uma vez que o ato de narrar está ligado a nossa observação da realidade, cultura, vivências sociais e muito mais. Mesmo dentro de narrativas fictícias, os elementos aqui citados se fazem presentes, afinal, “contar histórias (através das telenovelas, do jornalismo, do cinema, da literatura) não é uma atividade unicamente estética, desprovida de intencionalidades” (Motta, 2013, p. 74).

As narrativas são fatos culturais (não apenas literários). Em suas expressões linguísticas, os humanos se expressam construindo blocos semanticamente coesos que dão tessitura às histórias. Essa espontaneidade e a intuição narrativa revelam que a narração é um fato universal e transcultural, comum a todas as culturas: é uma substância comum e inquestionável de todos os seres humanos (a fatalidade de narrar, no dizer de alguns). (Motta, 2013, p. 80)

A arte de narrar começou a ser estudada já na Grécia antiga, por meio da Poética de Aristóteles e também com o filósofo grego Liceu. Na sociedade

contemporânea, Motta (2013) explica que o campo de estudo conhecido como narratologia pesquisa os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas.

Segundo Motta (2013), a narratologia que ele defende parte do pressuposto de que a organização dramática dos discursos em sequências encadeadas ocorre espontaneamente, e é intuitivamente reconhecida pelos seres humanos. Além disso, explica que as narrativas são fatos culturais e a análise da narrativa busca entender a construção de significados e valores que a sociedade possui.

Durante o ato de narrar, o ser humano consegue colocar em sua fala questões de conhecimento objetivo e subjetivo sobre o mundo em que vive. Motta (2013) afirma que em determinados campos, como historiografia e jornalismo, é necessário utilizar uma narrativa objetiva, ou seja, relatos que se aproximam do real.

Os narradores da história e do jornalismo procuram, por estratégias e artimanhas próprias (...) manter a objetividade do relato, representar fielmente o real: procuram contar desde uma visão externa dos fatos, para provocar a falsa imagem que os fatos falam por si mesmos. (Motta, 2013, p. 89)

Isso não significa que essas narrativas não atinjam seu objetivo de demonstrar sua visão de mundo ao relatar algo do cotidiano, como Motta (2013) reconhece, a historiografia realista também pode gerar subjetividades “quando destaca o papel de um herói nacional, quando relata a vitória heróica de certo segmento social frente a outro em uma batalha ou movimento social” (p.90). Do mesmo modo, os relatos jornalísticos são exemplos de subjetividades, mesmo quando fazem um esforço para dessubjetivar-se, como o autor afirma.

Quando pensamos nas narrativas midiáticas, elas podem ser fáticas, como em notícias e reportagens, fictícias, como em novelas e filmes, e até híbridas. Os relatos exploram o fático e o imaginário quando querem chamar a atenção de seus telespectadores, ouvintes e internautas.

Exploram o fático para causar o efeito de real (a objetividade e a veracidade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades,

emocionalidades). Tudo depende da intenção do narrador midiático e das estratégias dele. (Motta, 2013, p. 90)

O tom objetivo ou subjetivo de uma narrativa é determinado pelas estratégias escolhidas ao narrar, elas estão intimamente ligadas ao foco narrativo, também conhecido como ponto de vista por alguns teóricos.

Por esta razão, é preciso conhecer o narrador e, para isso, Leite (2002) cita a tipologia de Norman Friedman que faz diversos questionamentos para compreender que tipo de foco narrativo é utilizado, como: quem conta a história? Trata-se de um narrador em primeira ou em terceira pessoa? De uma personagem em primeira pessoa? Não há ninguém narrando? De que posição ou ângulo em relação à história o narrador conta? Que canais de informação o narrador usa para comunicar a história ao leitor? A que distância ele coloca o leitor da história?

Esses questionamentos vão guiar o leitor, ou o ouvinte, na compreensão de qual é o objetivo do texto e quais as possíveis estratégias da narração. Como Leite (2002) concluiu em seu estudo sobre foco narrativo, o narrador é um, entre os vários elementos com os quais se articula uma narrativa, existe ainda a questão dos problemas ideológicos e epistemológicos, assim como os encontros e desencontros entre ficção e realidade que podemos definir como um tipo de narrativa híbrida.

É por meio do foco narrativo que compreendemos sob a posse de quem está a narrativa, isto é, quem é o narrador, como ele observa a história, de qual ângulo e em que distância está do leitor. Diante das classificações e tipologias de Norman Friedman evocadas por Leite (2002), entendemos que o foco narrativo do jornalismo tem predominância por um discurso objetivo e informativo. Nesse sentido, o texto jornalístico do gênero informativo por muito tempo se aproximou da tipologia “Narrador onisciente neutro”, onde o narrador fala em 3ª pessoa, mantém uma certa distância dos eventos narrados e não adiciona opiniões pessoais à narrativa, em uma pretensa objetividade, onde existe distanciamento e não-envolvimento pessoal com o fato a ser reportado (Thomé, Reis, 2022). Uma das únicas diferenças quando falamos dessa tipologia, é a de que o jornalista não é onisciente, uma vez que não possui o conhecimento de todas as emoções e pensamentos dos personagens (fontes jornalísticas) como na ficção. Mas vale ressaltar que a ideia de onipresença foi sendo construída nas coberturas

audiovisuais ao longo do tempo, quando o telejornalismo, por exemplo, promete as principais notícias ou tudo que aconteceu naquele dia. Outra questão que demonstra isso é a cobertura da pandemia de Covid-19, quando os telejornais ganharam ainda mais relevância, isto é, se tornaram a principal fonte de informação para a população brasileira e “os noticiários ocuparam o segundo lugar no *ranking* de produtos audiovisuais que mais motivaram conversas nas redes sociais, depois dos *reality shows*.” (Becker; Thomé, 2023). Nesse momento, o jornalismo assumiu a responsabilidade de estar em todos os lugares.

Enquanto isso, o jornalismo pautado no gênero opinativo, como críticas, colunas e crônicas, utiliza em sua narrativa elementos que marcam e revelam quem é o autor daquele texto, podendo utilizar a 1ª pessoa e estilos próprios. O chamado jornalismo diversional¹ resgata a literatura e elementos autorais, o jornalista tem seu próprio tom e marca pessoal, e, como mostra Assis (2016), esse fenômeno também pode ser tratado por “jornalismo de autor”.

Textos opinativos, por exemplo, são visivelmente autorais. Mas não é do exercício dedicado a atribuir juízo de valor a temas e acontecimentos que estamos falando. É, sim, de um “jornalismo com impressões digitais”, como diz Rogério Christofolletti (2004: 264), que compreende “os narradores como sujeitos do processo, em conjunto com sujeitos do público, destinatários da informação”. Isto é levar em conta que, além do estilo “estrutural”, certas formas também têm um estilo “pessoal”. (Assis, 2016, p. 92)

Assis (2016) utiliza a classificação de Marques de Melo em seus estudos sobre o jornalismo diversional, por isso, atribui ao gênero as formas “história de interesse humano” e “história colorida”. A notícia desperta uma nova dimensão pela maneira com que é contada, por conta da lente utilizada pelo narrador e o tom de voz escolhido.

Se uma mesma pauta for executada por vários jornalistas, resultando em vários textos, cada um terá um enfoque, um direcionamento, uma abordagem, uma intensidade. No gênero informativo, isso também pode ocorrer, mas, na classe que estudamos, se aviva: por lidar com aspectos subjetivos, as nuances são destacadas como decorrência dos sentidos

¹ Os gêneros interpretativo e utilitário não foram abordados neste trabalho, embora sua existência seja reconhecida. No entanto, não foram considerados relevantes para a investigação do objeto de pesquisa em questão

que o repórter é capaz de acionar, os quais lhe permitem observar este ou aquele detalhe. (Assis, 2016, p. 99)

Ao pensarmos nas características citadas, entendemos que o jornalismo opinativo difere do jornalismo informativo. Adiante nesse estudo, vamos abordar como o modelo do jornalismo atual tem usado um foco narrativo que lembra o “Narrador-Testemunha”, na qual a narração é feita em 1ª pessoa e o jornalista vive os acontecimentos descritos como um personagem secundário que observa o protagonista, que em termos jornalísticos podemos assumir ser a história e a fonte principal.

Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu ou ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos. (Leite, 2002, p. 38)

Diferente do que acontece dentro da narração fictícia, o jornalista utiliza a apuração para determinar as lacunas de suas histórias. Aliás, não podemos confundir a tipologia do “Narrador-Testemunha” com o “Narrador-protagonista”. O último trata do narrador como personagem central, consciente de suas emoções e ações dentro da história, porém sem qualquer noção do que acontece com o resto dos personagens. O jornalista não pode ser narrador-protagonista e este é um dos vários fatores que difere o jornalismo de uma narrativa fictícia, ainda que o jornalista narrador possa usar elementos da ficção, dentro do texto jornalístico ele é apenas uma testemunha do que acontece.

Entendemos que o jornalismo é afetado pelo foco narrativo, pois a escolha do ponto de vista e da perspectiva narrativa pode influenciar a forma como a história é contada e percebida pelo público. A seleção do foco narrativo pode impactar a objetividade da reportagem, a empatia com as fontes e a capacidade de envolver o leitor na narrativa jornalística. Portanto, a aplicação do foco narrativo adequado no jornalismo pode contribuir para uma melhor compreensão e apreciação das histórias relatadas.

Como foi mencionado no início do capítulo, os elementos que compõem uma narrativa levam em conta a experiência do narrador e isso pode ser observado por diferentes teóricos da comunicação ao longo dos anos. Walter Benjamin (1994) tem como base a ideia de que existem apenas dois grupos de narradores e que estes são representados por um imaginário arcaico, são eles o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro narra as histórias e tradições de sua terra, uma vez que permanece onde está sem sair do seu país, já o segundo tipo de narrador é uma pessoa que vem de longe e viveu diversas aventuras em sua viagem para descrever tudo o que está lá fora.

Benjamin (1994) afirma que a narrativa está atrelada a uma tradição oral, portanto, é com o surgimento do livro impresso e dos romances que vemos a morte da narrativa.

O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa - contos de fada, lendas e mesmo novelas - é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. (Benjamin, 1994, p.201)

Para o teórico, a questão da experiência e a oralidade são um fator fundamental para a narração, uma vez que estão ligadas a capacidade de aconselhar outras pessoas e fundamentam o conceito de sabedoria. Com a difusão de informações por meio das notícias, Benjamin (1994) afirma que a sociedade se tornou pobre de histórias surpreendentes.

Ao longo dos anos, outros teóricos desenvolveram estudos sobre a narrativa, experiência e relatos. É o caso do narrador pós-moderno de Silviano Santiago (2002), no qual ele questiona se é preciso que o narrador viva a experiência a ser contada. Para o autor, o ato de narrar não precisa estar ligado à ação de dentro dela, na verdade, ela também pode ser feita de fora dela.

A autenticidade é uma característica que está intrinsecamente ligada a quem vive a ação e narra a experiência que se tem dela. No entanto, o conceito de narrador

pós-moderno é “aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador. Ele narra a ação enquanto espetáculo a que assiste (literalmente ou não) da plateia, da arquibancada ou de uma poltrona na sala de estar ou na biblioteca.” (Santiago, 2002, p.45).

Nesse sentido, o narrador descrito por Santiago (2002) se afasta do narrador clássico de Benjamin (1994). O pensador alemão entende que o narrador quer ensinar algo por meio da ação vivida e contada em sua narrativa, já o narrador pós-moderno quer transmitir a sabedoria em decorrência da observação do que outros vivem no mundo. Dessa maneira, entende-se que o narrador pós-moderno reflete uma sociedade cercada por imagens e cenas, por isso, Santiago (2002,, p. 60) afirma que “o narrador que olha é a contradição e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que esse olhar vire palavra.”

Nos últimos anos, conseguimos notar que as histórias pautadas na observação dominam as narrativas midiáticas. Entretanto, o contexto das redes sociais adicionam outras características ao narrador, principalmente no campo jornalístico. Os relatos não se conduzem sozinhos, existe a companhia dos telespectadores que interagem por meio de perfis em redes sociais, WhatsApp e canais específicos das emissoras. Embora, em décadas passadas, o contato também ocorresse por telefone, fax e email, as novas tecnologias proporcionam uma comunicação mais rápida e imediata. Essa interação aproxima o jornalista do público e também introduz elementos de subjetivação ao gênero informativo.

O ato de narrar dentro dessa perspectiva é estudado por Thomé e Reis (2022), onde os autores partem para a definição de um narrador dialógico. Ao adicionar um tom de conversa, o narrador dirige-se ao seu consumidor em primeira pessoa e cita experiências próprias em um relato fático, o público consegue se sentir sensibilizado e dar maior credibilidade a essas pessoas que estão do outro lado da tela, rádio e mídias num geral, “o que chama a atenção nessa guinada é a presença de tais elementos de subjetivação no gênero informativo, em que a voz autoral do jornalista entra no noticiário como garantia de autenticidade e credibilidade do que está sendo narrado” (Thomé e Reis, 2022, p 38).

A credibilidade no jornalismo contemporâneo não está mais associada ao distanciamento e objetividade, mas sim à proximidade, vivência e testemunho do narrador. Portanto, o jornalista contemporâneo não apenas relata os fatos, mas também os experimenta e compartilha com o público, uma mistura do narrador clássico de Benjamin (1994) com o formato pós-moderno de Santiago (2002) que traz à tona elementos do foco narrativo classificado como “Narrador-Testemunha” por Leite (2002).

Nas narrativas audiovisuais contemporâneas, detecta-se ainda o que Becker (2021) denomina de “humanismo solidário”, em um contexto de hibridização dos formatos, assim como a busca por informações confiáveis e a visualização das notícias televisivas em múltiplas telas, o jornalismo se desdobra para utilizar esse tipo de conteúdo visando maior conexão com seu público. Para conquistar os espectadores, o jornalismo adere a estratégias de aproximação por intervenção da exploração de recursos narrativos e de tecnologias digitais.

Becker (2021) estuda essa mudança de comportamento nas mídias televisivas diante da pandemia de Covid-19, seu objeto é o *Fantástico* - programa que se define como revista eletrônica. Ao se aprofundar em 14 edições do programa, a autora consegue identificar a integração dos testemunhos de cidadãos anônimos, de pessoas famosas e dos próprios jornalistas em diversas matérias jornalísticas.

O hibridismo das linguagens de narrativas não ficcionais e ficcionais se mesclam nos elementos que buscam trazer emoção às reportagens jornalísticas, neste caso sem exageros ou sensacionalismo. Dentro do contexto da pandemia, “o testemunho e a emoção ganharam protagonismo no telejornalismo. Repórteres construíram relatos sobre os acontecimentos baseados na própria experiência e na percepção pessoal da realidade” (Becker, 2021, p.13).

As reportagens do *Fantástico* conseguiram personalizar e emocionar as notícias de maneira que a identificação fosse capaz de gerar uma mobilização de sua audiência para o que ocorria durante a pandemia. Becker (2021) explica que, durante o ano de 2020 e 2021, a imprensa foi afetada por conflitos de interesse e políticos diante da distribuição de verbas publicitárias do governo federal e, por isso, a necessidade de uma aproximação maior do jornalismo com o público se tornou relevante.

(...) foi possível perceber a introdução do relato em primeira pessoa mesmo nas reportagens factuais e um decorrente apagamento de posicionamentos editoriais que sempre interviram no direcionamento da política nacional e ficavam escondidos nas enunciações em terceira pessoa. (Backer, 2021,p. 14)

O conceito de hibridismo se relaciona diretamente com o narrador dialógico (Thomé e Reis, 2022), podendo ser notado para além do contexto de pandemia e em outros canais da comunicação. Mais que isso, o telejornal foi impactado pela crescente preferência do público por conteúdos disponíveis em plataformas de *streaming*, *TV on demand* e redes sociais, levando as emissoras a ajustarem suas programações para se alinharem ao padrão de consumo de filmes e séries. O mesmo movimento pode ser notado em mídias sonoras, como o rádio e o podcast, e deve ser o formato que vai circular em outros formatos midiáticos de agora em diante.

2.3 – Narrativas e oralidade

Ao longo desse estudo, foi possível observar que o conceito de narrativa sempre acompanhou o conceito de oralidade, uma vez que, antes do surgimento da escrita, a narração dependia unicamente da contação de histórias para sobreviver ao tempo. Todo o conhecimento existente era passado de forma oral de geração em geração. Os mitos e contos são exemplos dessa narrativa falada, por esta razão Costa (2001) utiliza “As mil e uma noites” para realizar seu estudo sobre o assunto, a coleção de histórias de origem oriental se espalhou pela Ásia, foi transcrita pelos árabes e posteriormente traduzida para diversos idiomas. A narração dessa famosa história parte do princípio que um sultão executa todas as suas esposas no dia seguinte ao seu casamento e, para evitar esse destino, a jovem recém casada com o sultão, Sheherazade, decide entreter o marido durante mil noites por meio da contação de histórias. A ideia dá certo e a moça sobrevive, a partir disso, podemos pensar sobre como uma boa narrativa consegue despertar o interesse não apenas individual, mas coletivo, passando por uma narrativa oral ao longo dos anos até se tornar um livro traduzido em diversos países. Afinal, “as histórias de Sheherazade criaram um hábito, estabeleceram laços, selaram relações e deram forma a um universo compartilhado” (Costa, 2001, p. 21).

Sejam os mitos gregos, os contos de Sheherazade ou as peças de Shakespeare, todos tinham origem popular e os autores, ainda que fossem creditados, eram considerados anônimos, uma vez que as histórias circulavam oralmente e tinham fontes desconhecidas. A narrativa desse estilo valorizava o uso de palavras do cotidiano e do dialeto local, por isso, os contos se adaptavam conforme a região em que eram contados e possuíam vários “autores”. Outra característica que sempre esteve ligada a oralidade é a performance, principalmente por se aproximar da música e do teatro.

Essa oralidade auxilia não só a compreensão do texto como a performance do contador de história, já que a leitura coletiva e em voz alta era o ritual mais conhecido dos primórdios da literatura escrita, o que explica também certo tom retórico das expressões e até o ritmo narrativo (Costa, 2001, p. 34)

Desde o princípio, a narração apresentava recursos e estratégias voltados para cativar a atenção do público. Não é à toa que Sheherazade utilizava de ganchos em suas histórias, ou seja, pausava a narração bem no momento do clímax para manter o interesse. Da mesma forma, a performance de histórias e contos era um tipo de atração com apelo popular que conquistava o público de festas, feiras, mascaradas e carnavais.

A narrativa oral nunca abandonou esse apelo popular e isso permaneceu mesmo com a chegada de um novo tipo de suporte tecnológico, o rádio. O aparelho radiofônico, ao contrário do jornal impresso, conseguia transmitir ideias tanto para o público alfabetizado quanto para o analfabeto.

Sem o apelo das imagens, o rádio contou, entretanto, com outras vantagens excepcionais na sua forma de comunicação: a possibilidade de entrar nas residências; estabelecer uma grade horária; criar uma relação diária e próxima com o ouvinte e ser aparentemente gratuito. (Costa, 2001, p. 64)

Vale ressaltar que o uso da linguagem popular no rádio foi alvo de críticas em determinados momentos da história, o período da ditadura militar brasileiro é um exemplo disso. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fiscalizava a programação de emissoras e censurava programas, filmes, músicas e outros produtos

culturais e, como aponta Calabre (2006), o órgão recebeu críticas por raramente interferir nos programas de rádio e permitir “a baixa qualidade literária dos textos”.

Algumas incorreções gramaticais, o uso de gírias, falas incorretas adaptadas aos personagens, são de uso constante. Existem aqueles que defendem uma intervenção mais rigorosa nas emissoras, cobrando que o governo faça cumprir o caráter educativo do rádio (Calabre, 2006, p. 69)

No entanto, Calabre (2006) nos mostra que existia um lado de oposição às reclamações que exigiam o uso da forma “cultu” da língua. A autora cita que o escritor Mário de Andrade fez parte desse movimento e defendia que a rádio alcançava um grande número de pessoas, por isso, era obrigado a usar uma linguagem mista.

Diante de questões como grande alcance do público e o preconceito linguístico, a narrativa oral se desenvolve no rádio e, posteriormente, em outros formatos digitais de áudio. Em meio a isso, a literatura sempre esteve presente e Thomé (2015) é uma das autoras que aprofunda seus estudos sobre a literatura de ouvido difundida nas ondas da rádio, mostrando que o ambiente radiofônico esteve aberto a diferentes narrativas.

Alguns formatos dentro do jornalismo sempre tiveram um apelo popular, fosse no rádio ou no impresso, como foi o caso do folhetim e da crônica. Thomé (2015) explica que o público buscava por um entretenimento primeiramente nas páginas do jornal, uma vez que este meio comunicacional surgiu antes de qualquer outro tipo de mídia, e depois, na televisão e rádio, devido ao avanço da tecnologia.

As crônicas no rádio se tornam um grande interesse para os ouvintes entre as décadas de 50 e 60. Segundo Thomé (2015), nesse período a crônica ganhou espaço em duas emissoras: a Rádio MEC e a Rádio Nacional. Ainda que as crônicas tivessem sua base na literatura, a influência do modelo de jornalismo norte-americano mostrou que esse tipo de gênero era um produto da indústria cultural, afinal, as crônicas radiofônicas foram criadas em séries com formato, duração e prazos definidos, seguindo padrões.

No entanto, diferente das notícias e reportagens, a crônica nas rádios não pretendia ser um documento histórico onde todo o contexto de uma época devia ser

registrado. Essa literatura de ouvido, permitia que o cronista desenvolvesse um tema numa narrativa de início, meio e fim, podendo tratar de textos subjetivos, factuais ou biográficos.

A força da narrativa no rádio está em comunicar, sensibilizar o público mesmo que ele não contextualize o momento de produção ou conheça a biografia do autor. Está nessa interação, nessa relação entre autor, obra e público. (Thomé, 2015, p. 70)

A importância dessa relação mencionada por Thomé (2015) entre o ouvinte e o narrador fica evidente quando ao analisar as crônicas de Dinah Silveira no programa *Quadrante*, percebe-se que a cronista se inseriu em algumas histórias agindo como se algum dos personagens tivesse contado tudo o que está ocorrendo ou ela mesma tivesse observado a cena acontecendo. “É uma forma de encurtar distância entre o ouvinte e o fato, de torná-lo também testemunha do que está sendo contado” (p. 113).

Dinah Silveira participou do programa *Quadrante*, da Rádio MEC, junto a outros sete literatos, dentre os quais estavam Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Thomé (2015) revela que a escritora e radialista utilizava a cidade do Rio de Janeiro como pano de fundo para suas crônicas, também escrevia sobre o ambiente doméstico, a morte, usava figuras femininas, muitas vezes sobre mulheres que fugiam do estereótipo de calmas e pacatas, entre tantos outros temas.

Chegando aos dias atuais, a crônica está presente no formato de *radio on demand*, também conhecido como podcast. A literatura de ouvido teve que se adaptar a um tipo diferente de tecnologia e público com outras demandas de tempo e interesses. Nesse estudo, vamos avaliar que tipo de estratégias o podcast narrativo se utiliza para contar histórias.

3 - CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO E NA PALMA DA MÃO

Para chegarmos ao formato podcast, objeto deste trabalho, foi necessário que o sistema de radiofonia evoluísse ao longo dos anos. Este capítulo se desenvolverá a partir da observação do precursor do podcast, o rádio, até chegar na origem desse tipo de dispositivo comunicacional, explicando sua relevância e analisando sua trajetória. Afinal, a popularização do podcasts aconteceu ao longo da última década por meio de dispositivos eletrônicos e do uso de aplicativos em *smartphones*. Complementando tudo isso, o capítulo destrincha algumas pesquisas já realizadas sobre o tema, a fim de compreender quais são as discussões atuais sobre o assunto.

3.1 – Sistema de narrativas radiofônicas

Quando desejamos nos comunicar com outras pessoas, a forma mais simples se dá por meio da fala, por este motivo, é fácil compreender que narrativa oral sempre esteve presente em praticamente todos os momentos da nossa sociedade. Ao narrar uma história ou um fato, existe a construção de sentido através de um modelo clássico com início, meio e fim, além do uso de estratégias que fazem o ouvinte se interessar profundamente pelo o que é contado. Dessa maneira, as narrativas sempre conseguiram atrair o público e, assim, surgiram os gêneros orais, citamos como exemplo: as cantigas, as fábulas, os provérbios e os mitos. Essas narrativas utilizam a voz para expressar ideias, sentimentos e contar histórias, cada uma com sua particularidade e tipos de estruturas.

Ao pensarmos em comunicação oral, a primeira ferramenta tecnológica pioneira a se destacar foi o rádio. Aqui no Brasil, ele foi o principal veículo de comunicação de massa entre 1930 e o início da década de 1960, um dos principais motivos para tal popularização se deve à linguagem fácil em formato oral bem próxima a que era utilizada no dia a dia, o que tornava o meio de comunicação acessível para grande parte da população que naquela época era formada por um grande número de analfabetos (Saroldi e Moreira, 2005).

Segundo Vaz Filho (2019), a primeira emissora radiofônica a transmitir no Brasil foi a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em abril de 1919. Posteriormente, surgiu a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquette-Pinto em abril de 1923, que mudou seu nome para Rádio MEC, funcionando por muitos anos como um sistema de rádio educativo e cultural (Prado, 2012, p 55). Em sua “era de ouro”, a programação das emissoras ditava os sucessos carnavalescos, narrava jogos esportivos, produzia programas humorísticos e concursos, lançava grandes cantores — como Araci de Almeida e Manezinho Araújo —, além de se destacar pelos programas de auditório e seus conteúdos jornalísticos.

A emissora mais relevante do país, que se tornaria modelo para as outras, foi a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, inaugurada em setembro de 1936. Ela funcionava com um modelo comercial e se manteve em primeiro lugar em todas as rádios do Brasil por mais de 20 anos. O programa jornalístico de maior audiência foi o “Repórter Esso” que, segundo Klockner (2001, p.12), “em 1952 [...] conquistou índice de 50,2% de audiência média” (apud PRADO, 2012, p.115). Klockner (2001) explica que o formato do programa “implantou um novo padrão estilístico do rádio brasileiro: o lide, a objetividade, a exatidão, o texto sucinto, a pontualidade, a noção de tempo exata de cada notícia, a impressão de imparcialidade e a contraposição aos longos jornais falados da época” (apud PRADO, 2012, p.120), tudo isso foi utilizado mais tarde por outras emissoras para conquistar o público.

O Repórter Esso não apenas inovou, como ensinou, e seus ensinamentos ainda estão presentes nos noticiários de hoje. Foi o Repórter Esso, por exemplo, que criou a técnica da “manchete” na abertura do texto (uma forma de chamar a atenção dos ouvintes), procedimento imediatamente incorporado pelos demais noticiosos e ainda em uso, até nos jornais televisivos. (Aguiar, 2007, p. 115)

Com essa estrutura, a construção de sentido e o relato dentro do radiojornalismo passaram a ser simplificados e menos adjetivados, a ideia era transmitir o fato de maneira curta para que o público entendesse assim que ouvisse a notícia.

Ao contrário da linguagem pretensamente objetiva do jornalismo na rádio, as crônicas se manifestam de forma mais opinativa e literária. Como explica Thomé

(2015), a crônica tem íntimo grau de parentesco com o folhetim² das páginas de jornais. No entanto, ela possui uma linguagem e técnica de produção diferentes, dando enfoque para a narrativa urbana. A autora afirma que o gênero sofreu transformações, mudando aos poucos o foco da informação para o entretenimento, com uma linguagem mais leve (Thomé, 2015, p. 37). A crônica relata o cotidiano por meio da linguagem informal, sem utilizar ganchos para um próximo capítulo como era feito nos folhetins, utilizando da mistura entre ficção e jornalismo para contar histórias. O formato que foi feito para as folhas do jornal acabou ganhando espaço nas ondas do rádio e, nesse novo meio comunicacional, criou um tom de conversa com o ouvinte, algo compatível com o que se esperava dentro da programação da rádio (Thomé, 2015).

Diferente do formato de crônica publicada no impresso, na rádio ela não se definia nem como jornalismo nem como ficção seriada, inclusive seus textos “não eram feitos para serem lidos, mas para serem interpretados. Não é à toa que as crônicas inicialmente tinham radioatores consagrados como intérpretes” (Thomé, 2015, p. 41). O público da rádio sempre foi diverso e isso estabelecia uma necessidade de simplificar estruturas gramaticais para tornar os programas mais próximos dos ouvintes.

Em paralelo com a crônica dentro da radiofonia, tivemos o radioteatro e também as radionovelas. A narrativa de ficção no rádio ganhou força com a chegada destas últimas durante as décadas de 1940 e 1950. Segundo Calabre (2008), a primeira radionovela transmitida no Brasil foi ao ar em 5 de junho de 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e se chamava “Em busca da felicidade”. O sucesso do formato foi tão grande que outros veículos passaram a investir nas radionovelas, além disso, os atores ganharam reconhecimento diante do público e houve um grande investimento na arte da sonoplastia.

As radionovelas possuíam altos índices de audiência e estavam sempre entre os programas mais ouvidos das emissoras, elas eram transmitidas em formato seriado e a duração variava bastante, podendo ser transmitida por um mês ou, até mesmo, dois anos. Sendo a pioneira das radionovelas no país, a Rádio Nacional liderava a audiência em praticamente todos os horários. Por meio das radionovelas, pela primeira vez foi

² O folhetim foi um gênero literário que surgiu em Paris, durante a década de 1830. O formato utilizava a periodicidade dos jornais como estrutura para criar ganchos em capítulos diários, atraindo os leitores com suspense.

possível constatar que a técnica de storytelling podia chamar atenção dentro do meio sonoro para se conectar com o público. As radionovelas tinham um apelo comercial e eram patrocinadas muitas vezes por lojas e marcas famosas, esse grande potencial para a publicidade e alcance de grande público não foi notado apenas por quem vendia produtos. Não é por acaso que o rádio passou a ser visto como um possível instrumento político. Durante o período da ditadura de Vargas, o rádio foi utilizado para legitimar o golpe de estado por meio do noticiário. O Departamento de Imprensa e Propaganda emitia a “A Hora do Brasil”, um programa obrigatório em todo o território nacional que divulgava os atos do governo e acontecimentos nacionais, com o objetivo de fazer propagandas ideológicas (Prado, 2012, p. 107).

A intervenção do governo ditatorial não foi apenas dentro da programação da radiofonia, em 1964, diversos nomes da Rádio Nacional apareceram em uma lista do Dops (Departamento de Ordem Política e Social), a emissora foi ocupada e passou a ser dirigida por Mário Neiva Filho, que perseguiu alguns funcionários e levou à demissão destes (Saroldi e Moreira, 2005). O período ditatorial no Brasil também ocasionou a perda de grande parte de acervos de rádios. No caso da Rádio Nacional, Thomé (2015) explica, com base na reportagem de Isabel Butcher, que, em 1972, o diretor Pandiá Pires, indicado do Governo Médici, cogitou jogar todo o arquivo no mar. Felizmente, ainda foi possível salvar algumas gravações que foram enviadas para o Museu de Imagem e do Som, além de contar com acervos pessoais para entender a relevância desse veículo ao longo dos anos. Sem o rádio, certamente não teríamos chegado ao estilo de formato de áudio por demanda e assíncrono como o podcast.

3.2 – O que é o Podcast afinal?

O termo podcast surgiu em 2004 e foi criado pelo ex-VJ da MTV americana Adam Curry, responsável por elaborar um método de transmissão de áudio que permitia o download de gravações em MP3 da *web* para o aparelho de música da Apple, o iPod. Então, para definir o nome desse novo tipo de ferramenta comunicacional, o criador juntou o prefixo “pod”, referente ao iPod, e o sufixo “cast”, proveniente da palavra broadcast, que significa “transmissão” (Fernandes, 2019).

Marcelo Kischinhevsky (2016) define o podcast como uma modalidade sob demanda do rádio expandido, na qual a radiofonia desprende-se da limitação das ondas hertzianas e adapta-se para novos âmbitos, convergindo para novas plataformas.

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou podcasting não foram aceitos como radiofônicos (...). No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (Ferraretto e Kischinhevsky, 2010 apud Kischinhevsky, 2016, p.24)

Com essa definição, é possível compreender o podcast como uma modalidade da radiofonia e, assim como as produções para o rádio, o formato utiliza locuções, trilhas e tantas outras características relevantes de seu antecessor. As maiores diferenças estão relacionadas a sincronicidade, que não existe no podcast, e a um novo modo de consumo conhecido como “*on demand*”, onde o usuário escolhe quais episódios quer ouvir seja fazendo downloads em listas de inscrição ou por meio de plataformas digitais.

No entanto, para que o formato podcast fosse criado, não só as plataformas digitais, mas o surgimento dos aparelhos portáteis foi essencial, pois possibilitaram maior mobilidade e novas formas de consumir o conteúdo radiofônico. Nesse sentido, é importante frisar que a definição de podcasting no dicionário New Oxford American Dictionary é registrada como: “o ato de disponibilizar o podcast online, um processo realizado através da criação de feed RSS, pelo qual os usuários podem assinar e, posteriormente, receber as atualizações sobre os programas de forma automática” (Martins, 2008, p. 59).

Atualmente, os podcasts não dependem unicamente do feed RSS³, eles são distribuídos e consumidos de diferentes formas, tudo isso devido ao auxílio de novas tecnologias. Na década de 2010, por exemplo, foram criadas as plataformas de streaming — mecanismos digitais que permitem a conectividade e a troca de dados (D'Andréa, 2020), como o Spotify, Deezer e SoundCloud. Por esta razão, escutar

³ RSS significa “Really Simple Syndication” (Sindicação Realmente Simples). É um formato de arquivo utilizado para distribuir conteúdo na internet, como notícias, atualizações de blogs e podcasts. Ele permite que os usuários se inscrevam em um site e recebam automaticamente as atualizações mais recentes do seu conteúdo sem ter que visitar o site em si.

podcast se tornou algo comum e mais pessoas passaram a ter acesso ao sistema de áudio sob demanda e assíncrono.

Kischinhevsky (2016) aponta que o podcasting também facilitou a distribuição de conteúdos radiofônicos produzidos de forma caseira, uma vez que mais ferramentas de gravação domésticas estavam se popularizando e os softwares de edição gratuitos também.

Em relação à classificação dos podcasts, dentro dos próprios gêneros radiofônicos não existe um “consenso entre os diferentes autores nas suas classificações das produções” (Vicente, 2004, p. 1). Eduardo Vicente (2004) cita a existência de cinco categorias: publicitário, jornalístico, musical, ficcional e educativo-cultural. No entanto, existem diversas possibilidades e tipologias dentro do formato podcasts, já que ele foi se atualizando ao longo dos anos.

Neste trabalho, usamos tipologias propostas por Mazzeu (2023) juntamente ao ranking da plataforma Spotify com os podcasts mais populares no Brasil em 2020⁴, 2021⁵ e 2022⁶, divulgado pelos sites UOL e Tecnoblog. Desse modo, foi possível fazer uma análise e agrupar as principais tipologias do cenário brasileiro de podcasts de acordo com as descrições utilizadas pelos programas mais escutados. Foram agrupadas as informações de forma a reduzir a cinco principais categorias, veja a seguir:

- Podcast jornalístico: costuma informar e compartilhar atualizações cotidianas aos ouvintes, por meio de notícias, reportagens e entrevistas.
- Podcast narrativo: são histórias ficcionais ou reais, contadas por meio de técnicas já conhecidas em outros formatos comunicacionais, como o *storytelling*.
- Podcast bate-papo: diversas temáticas são discutidas por um grupo de pessoas, por isso, essa categoria lembra um bate-papo entre amigos.

⁴ Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/12/01/retrospectiva-2020-spotify-divulga-os-artistas-e-podcasts-mais-ouvidos.htm>. Acesso em: 23 jul. 2024

⁵ Disponível em:

<https://tecnoblog.net/noticias/2021/12/01/spotify-wrapped-e-liberado-com-tudo-o-que-voce-mais-ouviu-em-2021/>. Acesso em: 23 jul. 2024

⁶ Disponível em:

<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/11/30/spotify-wrapped-2022-saiba-as-musicas-que-voce-mais-ouviu-neste-ano.htm> Acesso em: 23 jul. 2024

- Podcasts de entretenimento: utilizam de humor e efeitos sonoros para entreter os ouvintes.
- Podcasts educacionais: são produtos voltados para a divulgação científica ou compartilhamento de informações de ensino, normalmente possui vocabulário especializado e é feito por especialistas do assunto abordado.

Um exemplo de podcast jornalístico que aparece recorrentemente nos rankings de mais escutados do ano é o “Café da Manhã”⁷. O podcast é produzido pelo jornal Folha de São Paulo em parceria com o Spotify, na plataforma de *streaming* se encontra dentro da categoria “Notícias e Política”. Os episódios são lançados diariamente de segunda a sexta trazendo para o ouvinte as principais informações do momento, podendo ser em formato de notícia mais curta ou entrevistas com especialistas.

Outra classificação que podemos notar é a de podcasts narrativos, que também podem ser chamados de “podcasts de histórias”, Mazzeu (2023) utiliza essa última denominação e o próprio Spotify também. Dentro desse grupo, é possível encontrar histórias reais, documentários, ficção e até *true crime*. Normalmente, os podcasts narrativos se diferenciam de podcasts jornalísticos, uma vez que podem abordar um assunto com maior profundidade, além disso, podem sair do formato tradicional de sonoras, efeitos radiofônicos e trilhas sonoras. O podcast “A Mulher da Casa Abandonada” se autodenomina como um podcast narrativo em sua descrição do Spotify⁸ como podemos ver a seguir:

A Mulher da Casa Abandonada é um podcast narrativo da Folha que investiga a história de vida de uma figura misteriosa. Uma mulher que mora em uma mansão em pandarecos em Higienópolis, um dos bairros mais ricos de São Paulo, e se apresenta como Mari. Mas Mari não é quem diz ser. (A Mulher da Casa Abandonada, 2022)

Seguindo nossas categorias, os podcasts de bate-papo podem ser mesas redondas de discussão entre amigos ou especialistas sobre um determinado assunto.

⁷ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo?si=82737b00a5cd43fe>

⁸ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=1de37891968e4d02>

Um exemplo é o “Primocast”⁹, que busca discutir finanças, negócios e empreendedorismo entre seus apresentadores e convidados.

Os podcasts de entretenimento buscam divertir os ouvintes. Como exemplo, podemos citar o “Podpah”¹⁰, um programa em que os apresentadores conduzem entrevistas com muito humor, usando linguagem informal, além de produzir quadros de futebol e comédia em seu conteúdo.

Por fim, os podcasts educacionais abrangem assuntos que podem ensinar algo novo ao ouvinte, seja um idioma, curiosidades sobre ciência, aprendizados sobre programação ou cuidados com a saúde. Como exemplo, podemos citar “Inglês do Zero”¹¹, que entrou na nona posição no ranking de 2020 dos podcasts mais ouvidos do Spotify.

É importante ressaltar que os programas de podcasts não precisam ser classificados apenas em uma categoria, afinal, é possível a hibridização de formatos para entregar diferentes tipos de conteúdos aos ouvintes e produzir episódios que mesclam características de um ou outro gênero.

Em síntese, o podcast emerge como uma derivação do rádio, adaptando-se aos avanços tecnológicos e diferentes padrões de consumo de conteúdo. O cenário brasileiro, conforme evidenciado pelos *rankings* do Spotify, revela a pluralidade e popularidade dessa nova categoria de produção sonora, evidenciando a capacidade do podcast de se destacar na era digital.

3.3 – Mapeamento das pesquisas sobre podcast no Brasil

Para compreender como está o andamento das pesquisas e o interesse pelo nicho de podcasts no campo da comunicação, mapeamos o que foi publicado sobre o assunto durante os últimos cinco anos nos principais Congressos de Comunicação:

⁹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/2gCj9YG9tjMexhS4pIIRHo?si=3c1df240195845e7>

¹⁰ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/1GLSDdk9CDEwziGNlInb8a?si=9482280dd0c045c1>

¹¹ Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/2xb0LJMV9CDWN5jGVspjkl?si=5a1e8cd6f6eb45de>

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A busca foi feita pelas palavras-chave podcast e podcasting. Como resultado, encontramos o que se segue:

Tabela 1 - Frequência de publicações nos anais dos congressos (2019 a 2023)

Ano	Compós	Intercom (GP Rádio e Mídia Sonora)	SBPJor
2019	0	6	1
2020	1	10	5
2021	0	6	6
2022	0	11	5
2023	3	8	5

Fonte: Tabela construída pela autora

É possível notar um aumento de interesse pelo assunto na Compós e SBPJor, uma vez que respectivamente, em 2019, não aparecia nenhum e apenas um trabalho sobre o assunto. Já em 2023, são três trabalhos publicados na Compós sobre o nicho podcast e na SBPJor de 2023 temos cinco artigos.

Ao analisarmos um intervalo de tempo maior da Compós, abrangendo os últimos 10 anos, é possível notar que durante esse período os temas "podcast" e "podcasting" foram abordados em apenas seis ocasiões nos títulos e palavras-chave dos trabalhos apresentados no congresso. Metade desses artigos é recente e faz parte do recém-criado Grupo de Trabalho de Estudos Radiofônicos da Compós em 2023, o que ressalta a relevância de estabelecer espaços dedicados à discussão do formato radiofônico no contexto das análises jornalísticas.

Para acessar esses textos, entramos no site oficial da Compós¹², em seguida foi aberta a página “Anais da Compós” e acessado cada um dos congressos que

¹² <https://compos.org.br/> Acesso em: 23 de out. de 2023

ocorreram entre 2013 e 2023. Na página de cada edição é possível acessar todos os trabalhos existentes e filtrar por palavras-chave que aparecem no texto, neste caso, utilizamos a palavra “podcast” para encontrar objetos de estudo que se enquadram no nicho da área desta pesquisa.

Tabela 2 - Levantamento temático nos Anais da Compós (2013-2023)

Ano	Título	Autoria	Instituição	Palavras-chave	Tema
2023	BH É UM OVO: jornalismo sonoro do rádio ao podcast com sotaque mineiro	Graziela Mello Vianna; Elias Pereira dos Santos	UFMG	Rádio; Podcast; Belo Horizonte;	regionalismo
2023	BINGE LISTENING: Dimensões do consumo de áudio em podcasting	Debora Cristina Lopez; Daniel Gambaro; Marcelo Freire	UFOP / UFPR / UFRGS / UFOP	Binge listening; Podcasting; Consumo de áudio;	hábitos e modo de consumo;
2023	O “EU” NO PODCASTING JORNALÍSTICO: Considerações sobre a narrativa sonora em primeira pessoa em Praia dos Ossos	Marcelo Kischinhevsky; Kátia Fraga; Leonardo Couto	UFRJ / UFV	rádio; podcasting; jornalismo; narrativa sonora; eupistemologia.	subjetividade;
2020	RADIO AMBULANTE E A TRADIÇÃO DO PODCAST NARRATIVO NO RADIOJORNALISMO NORTE-AMERICANO	Eduardo Vicente; Rosana de Lima Soares;	USP	Radiojornalismo; Jornalismo narrativo; Podcasts	podcast narrativo;
2018	DO RÁDIO AO PODCAST: as novas práticas de produção e consumo de áudio	Eduardo Vicente	USP	Podcast; Rádio; Produção radiofônica	produção podcast;
2018	IMERSIVIDADE COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA EM PODCASTS INVESTIGATIVOS: pistas para um radiojornalismo	Debora Cristina Lopez; Luana Viana; Kamilla Avelar	UFOP / CEFET-MG / FUMEC	Podcast; Rádio expandido; Rádio transmídia.	transmídia;

	transmídia em In the Dark				
--	---------------------------	--	--	--	--

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de levantamento nos anais da Compós

Como já mencionado, os anais do Intercom Nacional também foram analisados, o período selecionado para a pesquisa foram os últimos cinco anos do congresso, ou seja, entre 2019 e 2023.

Ao final do mapeamento, disponível no Apêndice A, verificou-se que nos últimos cinco anos foram produzidos 42 trabalhos com as palavras “podcast” ou “podcasting” em seus títulos dentro do GP de Rádio e Mídia Sonora que possuía um total de 196 artigos. Para acessar esses dados, utilizou-se o Portal Intercom¹³, onde clicando na aba “Eventos” foi possível encontrar as informações sobre o Congresso Nacional e também os anais de cada ano do congresso. Visitamos o site de cada edição e filtramos os títulos do GP.

Seguindo o percurso de Becker e Thomé (2023), no qual as autoras realizaram um mapeamento temático dos estudos acadêmicos sobre telejornalismo no Brasil entre 2010 e 2020, por meio da análise de cinco fontes de acesso a produções científicas, este trabalho também realizou um levantamento percentual de temáticas. O mapeamento realizado neste trabalho sobre os estudos de podcast no Intercom Nacional, 2019 a 2023, permite concluirmos que foram privilegiadas temáticas sobre “Ações Afirmativas”, “Gêneros e formatos de podcast” e “Podcasts Narrativos”, que podem ser observadas na Tabela.

Tabela 3 - Levantamento temático nos trabalhos sobre podcast nos Anais do Intercom (2019 -2023)

TEMÁTICA	PERCENTUAL
Ações Afirmativas como tema nos estudos de podcast	14,2%
Gêneros e formatos de podcast	11,9%

¹³ <https://portalintercom.org.br/> Acesso em: 26 de out. de 2023

Podcasts narrativos	9,5%
Podcasts jornalísticos	7,1%
Metodologia de pesquisa sobre podcasts	7,1%
Hábitos e modo de consumo de podcasts	7,1%
Política	4,7%
Teses e pesquisas sobre podcast e podcasting	4,7%
Convergência	4,7%
Podcasts universitários	4,7%
Regionalismo	4,7%
Redes públicas de comunicação	2,3%
Podcast alternativos	2,3%
Interações entre produção e recepção de podcasts	2,3%
Subjetividade	2,3%
Bem-estar	2,3%
Esportivo	2,3%
Financiamento de podcasts	2,3%
Podcast empresarial	2,3%

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de levantamento de temáticas nos Anais do Intercom, com busca pelas palavras podcast e podcasting

Os anais da SBPJor foram mapeados da mesma forma, entre o período de 2019 e 2023. Com isso, concluímos que 22 artigos sobre o assunto “podcast” e “podcasting” foram publicados ao longo dos cinco anos em todo o congresso (Apêndice B). Neste mapeamento, não escolhemos um eixo temático específico para filtrar os títulos do trabalho. Acessamos o site oficial da SBPJor¹⁴, onde clicamos na aba “Encontros” e, depois, em “ENCONTROS SBPJor” para ter acesso aos anais, clicamos nos anos entre 2019 e 2022, e filtramos a palavra “podcast” e “podcasting” em todos os trabalhos do congresso. Para os anais do ano de 2023, acessamos o site do evento¹⁵, acessamos a aba “Anais do Evento” e filtramos os artigos com a palavra “podcast” no título.

O mapeamento realizado sobre os estudos de podcast na SBPJor, 2019 a 2023, permite concluirmos que foram privilegiadas temáticas sobre podcast “Podcast Narrativos”, “Podcasts Jornalísticos”, editorias ligadas ao “Esportivo”, e produção “Transmídia”, como podem ser observadas na Tabela.

Tabela 4 - Levantamento temático nos Anais do SBPJor (2019 -2023)

TEMÁTICA	PERCENTUAL
Podcast Narrativos	13,6%
Podcasts jornalísticos	13,6%
Esportivo	9,09%
Gêneros e formatos de podcast	9,09%
Transmídia	9,09%
Ações Afirmativas	4,5%

¹⁴ <https://site.sbpjor.org.br/> Acesso em: 30 de out. de 2023

¹⁵ <https://eventos.galoa.com.br/sbpjor-2023/page/2778-inicio> Acesso em: 01 de maio de 2024

Metodologia de pesquisa sobre podcasts	4,5%
Jornalismo Científico	4,5%
Podcasts universitários	4,5%
Regionalismo	4,5%
Redes públicas de comunicação	4,5%
Democracia Comunicacional	4,5%
Interatividade	4,5%
Elementos Sonoros	4,5%
Metaverso	4,5%

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de levantamento de temáticas nos Anais do SBPJor, com busca pelas palavras podcast e podcasting

Com o mapeamento, observamos um cenário diversificado nas pesquisas sobre podcasts, com destaque para a inclusão social e representatividade, explorando diferentes gêneros e formatos de podcasts, e investigando a função dos podcasts. As análises no âmbito jornalístico apresentam como objetivo compreender os critérios de noticiabilidade nos podcasts e interpretar como esse meio de comunicação sonoro consegue estar em diversas mídias sociais em meio a cultura de convergência.

O levantamento feito nos anais dos congressos contribui para a presente pesquisa em diferentes perspectivas, por meio dele foi possível entender que o formato podcast é extremamente relevante para a área da Comunicação e o público tem buscado se informar cada vez mais com esse tipo de narrativa radiofônica.

4 - ANÁLISE: RÁDIO NOVELO APRESENTA

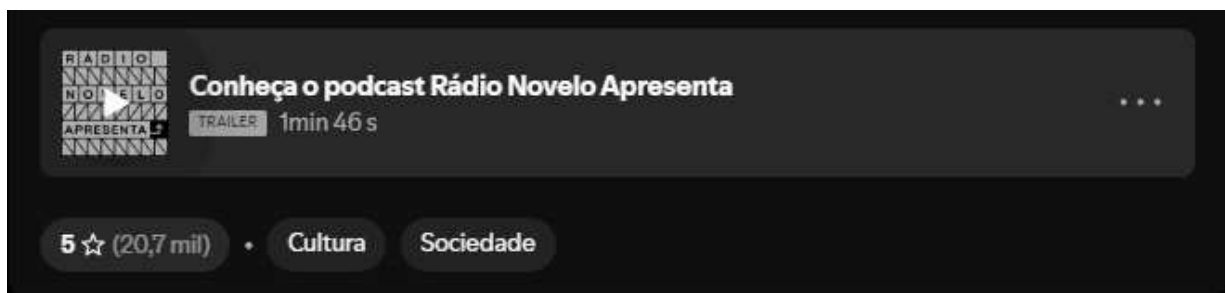
O capítulo a seguir reúne a análise de três episódios do podcast “*Rádio Novelo Apresenta*”, nos quais utilizamos o percurso metodológico de Viana (2022) baseado na análise crítica da narrativa de Motta (2013) voltada para conteúdos em áudio, como os podcasts. Neste capítulo, contextualizamos o formato do podcast, seu histórico, categorizamos de acordo com os capítulos anteriores e explicamos a proposta para a análise neste capítulo.

4.1 – O podcast “Radio Novelo Apresenta”

O podcast “*Rádio Novelo Apresenta*” foi criado em novembro de 2022 pela produtora de podcasts Rádio Novelo, responsável por diversas produções de conteúdos sonoros originais, entre as quais podemos destacar “Praia dos Ossos” e “Crime e Castigo”, e também projetos voltados para clientes como o Globoplay e Spotify. O conteúdo do “*Rádio Novelo Apresenta*” é distribuído semanalmente, todas às quintas-feiras, em plataformas digitais como o Spotify e o Youtube, o programa conta com a apresentação de Branca Vianna, fundadora e presidente da produtora Rádio Novelo.

Cada episódio do podcast conta com dois atos que apresentam narrativas apuradas pela equipe de jornalistas do Rádio Novelo. No momento desta pesquisa, o podcast está avaliado como um programa cinco estrelas pelos usuários do Spotify e foi classificado como um conteúdo de temáticas “cultura” e “sociedade” pela plataforma. O trailer do podcast utiliza trechos de sonoras de alguns episódios e é introduzido aos novos ouvintes por Branca Viana, no qual ela define o *Rádio Novelo Apresenta* como um tipo de programa que oferece ao ouvinte histórias que ele não sabia que precisava consumir até ter contato com elas, citando um trecho ela também acrescenta que o conteúdo reúne “boas histórias, de tudo quanto é tipo, contadas por muitas vozes”.

Figura 1 – Trailer Rádio Novelo Apresenta



Fonte: Print retirado da plataforma Spotify no dia 04 de julho de 2024.

A aba “sobre” do Rádio Novelo Apresenta nas plataformas de áudio possui o seguinte texto: “Toda semana, ouça histórias que você nem sabia que precisava ouvir. O novo podcast original da Rádio Novelo foi criado para ser o seu “porto seguro” em áudio: sempre às quintas-feiras, o *Rádio Novelo Apresenta* traz boas histórias (às vezes, por caminhos inesperados), contadas por várias vozes, sob a apresentação de Branca Vianna.”

No site oficial¹⁶, encontramos também as seguintes definições “é um podcast que traz histórias de impacto para ouvintes que querem se entreter, se informar e compreender o mundo a partir de reportagens de interesse público.” e “Como numa revista sonora, os episódios trazem reportagens independentes entre si e podem ser ouvidos em qualquer ordem. O *Rádio Novelo Apresenta* preza pela diversidade de suas histórias e narradores. Além da equipe da produtora, repórteres de outras instituições e freelancers podem publicar suas histórias no programa. Com esse formato, a Rádio Novelo busca democratizar o acesso ao jornalismo em áudio.”

De acordo com a descrição e as temáticas abordadas, além do que já analisamos previamente sobre podcasts, pode-se classificar o “*Rádio Novelo Apresenta*” como um podcast narrativo. Esse podcast utiliza técnicas de *storytelling* para contar histórias e emprega diversas estratégias narrativas para chamar a atenção do público. No entanto, é importante destacar que o jornalismo também está presente por meio de técnicas e questões específicas desse tipo de podcasts. Há apuração de fatos relevantes, a equipe é composta por jornalistas, alguns episódios utilizam o formato de entrevista, além de fazerem uso de dados e consultarem acervos históricos

¹⁶ <https://radionovelo.com.br/noticias/radio-novelo-apresenta/> Acesso em: 04 de jul. 2024

para a produção dos episódios.

Quando o podcast completou um ano de seu lançamento, o Spotify criou uma playlist com sete episódios do *Rádio Novelo Apresenta* intitulada “*Rádio Novelo Apresenta: episódios essenciais*” em celebração do aniversário, essa playlist foi feita com a ajuda da equipe do podcast e, posteriormente, ficou intitulada “*This is Rádio Novelo*” na plataforma. Usaremos os três primeiros episódios dessa seleção para fazer a análise do podcast, uma vez que eles são considerados os principais pela produtora, faremos a escuta dos podcasts e também das transcrições de cada episódio disponibilizadas no site oficial.

4.2 – A playlist “This is Radio Novelo Apresenta”

A playlist “*This is Rádio Novelo Apresenta*”, comemorativa de um ano de programa, possui sete episódios no Spotify: Fora de contexto, 72 horas, Maria e Café, Linha do tempo, Entre nós, Deise e Doroteia e Eu quero acreditar. Os episódios têm em média 1 hora de duração, período em que ocorrem pequenos intervalos no qual os patrocínios aparecem.

Em sua plataforma, o Spotify, insere anúncios antes, durante ou depois dos episódios de podcasts. Isso ocorre mesmo na opção *premium* disponível, no qual os usuários pagam a plataforma para pular músicas nos players e não escutar publicidades. Portanto, ao escutar a playlist para a produção desse projeto, foi possível identificar diferentes tipos de patrocínios.

Com base nas observações realizadas, o podcast *Rádio Novelo Apresenta* possui inserções de propaganda feitas pela própria plataforma do Spotify, além disso, faz publicidade para seus outros podcasts e alguns patrocinadores específicos. Nos episódios analisados, no período de 02/07/2024 a 31/08/2024, observou-se que as publicidades inseridas pelo Spotify ocorreram frequentemente em dois momentos: entre o primeiro e o segundo ato, e ao final do segundo ato. Essas inserções publicitárias geralmente promoviam outros podcasts disponíveis na plataforma, embora marcas relacionadas a tecnologia, cultura e saúde também aparecessem. A única propaganda

que apareceu dentro do próprio programa foi uma divulgação de outro podcast produzido pela Rádio Novelo.

De acordo com a análise feita, o primeiro ato e segundo ato podem ser escutados de forma independente. Embora em alguns episódios os temas se inter-relacionem, a abordagem dos atos é diferente e possui entrevistas com personagens e especialistas de áreas distintas. Quando não há uma relação direta entre os atos, ainda é possível identificar alguma correlação, às vezes conectada apenas ao título do episódio. Observa-se também que, em episódios específicos, há apenas um ato, seja por ser uma história mais complexa ou por uma escolha editorial. Contudo, o mais comum é que cada episódio contenha dois atos e que cada um tenha uma temática única. Observamos cada episódio da playlist e resumimos as temáticas a seguir:

Tabela 5 - Temática Playlist “This Is Rádio Novelo Apresenta”

EPISÓDIOS (ATOS)	TEMÁTICA
Fora de contexto (2 atos)	Explora como situações e frases podem ser retiradas de seu contexto original.
72 horas (2 atos)	Aborda teorias falhas e uma cobertura imersiva da posse presidencial de Lula.
Maria e Café (1 ato)	O episódio gira em torno da adaptação de Maria após a perda da visão, destacando a importância de um cão-guia.
Linha do tempo (3 atos)	Os atos falam de alguma forma sobre linha do tempo, seja com um pai registrando cada detalhe sobre a vida de seus filhos em cadernos ou o período em que uma mulher entrou em coma e perdeu uma parte da sua “linha do tempo”. O último ato é uma crônica.
Entre nós (2 atos)	Histórias que envolviam mentiras que afetaram os personagens do episódio.
Deise e Doroteia (1 ato)	Aborda a história de Deise Nishimura e como ela perdeu sua perna para um jacaré, a Doroteia.

Eu quero acreditar (2 atos)	O tema central é sobre acreditar em coisas intrigantes e misteriosas, seja buscar quem é um anônimo em um blog ou como pai e filha ficaram bilionários por um dia.
-----------------------------	--

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de levantamento do site Rádio Novelo – <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZF1DX2KsdqelYLCJ?si=af26009e79104515> – Acesso em: 04 de jul. 2023

Como é possível observar, os episódios apresentam uma diversidade de temas, apresentando personagens que não aparecem com frequência na mídia noticiosa e histórias que não se enquadram num critério de noticiabilidade típicos dos veículos de *hard news*. Inclusive, por esta razão, os episódios do Rádio Novelo Apresenta podem sugerir outras estruturas e caminhos para apresentar seus personagens e explorar um lado do jornalismo que ainda não é comum de vermos.

4.3 – Proposta de análise da narrativa em três episódios

A análise desse trabalho de conclusão de curso realiza o mapeamento das temáticas e estrutura dos três primeiros episódios do podcast “*Rádio Novelo Apresenta*” que aparecem na playlist “*This is Rádio Novelo Apresenta*” disponibilizados no Spotify, além de realizar uma contextualização explicando se há ou não uma relação entre as duas histórias apresentadas em cada episódio e o formato narrativo utilizado para os episódios. A análise seguirá a metodologia da Análise Crítica Narrativa de Motta (2013) com abordagem de Viana (2022).

O objetivo é entender o conteúdo e a estrutura narrativa de cada episódio para se aprofundar em quais são as estratégias utilizadas de forma a cativar o ouvinte a escutar os episódios. Esse questionamento surge uma vez que a pesquisa deseja compreender o jornalismo contemporâneo e o foco narrativo utilizado diante do formato podcast.

A análise crítica da narrativa (Motta, 2013) foi formulada para o meio impresso. No entanto, ela pode ser aplicada em diversos tipos de produções jornalísticas. Devido ao fato do objeto deste projeto de conclusão curso ser uma mídia sonora em formato de podcast narrativo, optamos por utilizar a abordagem proposta por (Viana, 2022) que

utiliza a metodologia de Motta (2023) aplicada a esse tipo de comunicação sonora.

Originalmente, Motta (2013) sugere o desmembramento da narrativa em três camadas iniciais: 1) O plano da expressão; 2) O plano da estória; e 3) o plano da metanarrativa. Na abordagem de Viana (2022), a autora parte das seguintes características do jornalismo narrativo em podcasts para iniciar sua proposta: 1) a construção de uma narrativa potencialmente imersiva; 2) a emergência do narrador; 3) uso de ganchos que remetem à dramaturgia; e 4) uma apuração exaustiva.

Para enquadrar as características do podcasts dentro dos 3 planos da análise crítica da narrativa, Viana (2022) criou um quadro a seguir:

Figura 2 – Quadro elaborado por Viana (2022) com base na metodologia de Análise de Motta (2013)

Planos	Categorias de análise	Operadores de análise
Expressão	Enredo dramático	Conflito
	Linguagem radiofônica	Palavra
		Silêncio
		Música
		Efeitos sonoros
Estória	Personagem	Jornalismo Jornalista Fontes (Des)intermediação
	Característica do podcast	Informalidade Inovação Intimidade
Metanarrativa	Tema de fundo	Questões éticas e morais

Fonte: Viana, 2022, p.10

O Plano da Expressão é a forma como a narrativa se apresenta, nesse sentido, observamos o plano da linguagem e como o projeto dramático organiza a narrativa a partir do conflito no quadro de Viana (2022). Nessa parte os quatro elementos da linguagem radiofônica ficam mais evidentes, pois são a camada externa do plano.

O Plano da Estória é onde a narrativa ganha sentido, a proposta de Viana (2022) é que os personagens e suas relações sejam o foco desse plano, além dos sons e como eles contribuem para contar o que está acontecendo. Destaca-se a importância de características como a informalidade, que pode ser observada na fala direta com o ouvinte pelo podcaster. Assim como, inovação, intimidade e (des)intermediação.

O terceiro e último plano, o Plano da Metanarrativa, analisa o tema de fundo, as questões éticas e morais que são discutidas no podcast. Esse plano demonstra o lado da crítica jornalística e a busca pelo interesse coletivo.

Para realizar a análise, escutamos o podcast e utilizamos as transcrições dos episódios disponíveis no site oficial do Rádio Novelo Apresenta. Cada episódio possui uma página com conteúdos extras, como fotos, documentos mencionados, além de creditar as referências bibliográficas e acervos utilizados.

Para a análise dos episódios, utilizamos dois formulários, um voltado para realizar a análise crítica da narrativa e outro para realizar uma análise quantitativa de termos que mostram uma intervenção em formato de conversa com o ouvinte durante os episódios, como os termos “você”, “eu” e “a gente”. No primeiro formulário, respondemos algumas questões baseadas na tabela de Vianna (2022) e, no segundo, quantificamos termos e questões relacionadas à subjetividade e a informalidade comum em reportagens de entretenimento baseadas nos estudos que discutimos ao longo deste trabalho.

4.3.1 – Episódio Fora de contexto

O primeiro episódio dessa playlist é “Fora de contexto”¹⁷, ele é o segundo episódio produzido para o podcast e conta com duas histórias, no entanto podemos dizer que ele possui uma história extra, uma vez que já na introdução a apresentadora

¹⁷ Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/fora-de-contexto/>

Branca Vianna, inicia o episódio fazendo uma pequena narração como forma de divulgar outro podcast produzido pela Rádio Novelo, chamado “Retrato Narrado”, e também informar ao ouvinte sobre qual será o tema do episódio.

Essa introdução conta com início, meio e um gancho ao final, para que o leitor sinta vontade de ouvir os dois atos que vem logo a seguir e também o podcast produzido pela entrevistada desse início da apresentação, a Carol Pires. A narrativa de apresentação é sobre Jair Bolsonaro, que era presidente quando o episódio foi lançado, e as frases descontextualizadas da Bíblia que ele utilizava para favorecer seus pensamentos diante de seus eleitores.

A apresentadora Branca Vianna faz diversas intervenções conversando diretamente com o ouvinte e expressando suas opiniões diante do assunto tratado, neste caso, fala sobre o fim do mandato de quatro anos do Presidente Bolsonaro. O trecho retirado da transcrição do episódio "Fora de contexto" mostra essa intervenção da apresentadora “A essa altura a gente já tá próximo de finalmente se livrar do desespero que foram esses quatro anos de Bolsonaro na presidência do Brasil. E eu imagino que você, como eu, não aguenta mais ouvir ou ler as sandices que esse homem diz.”(Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 1).

A própria apresentadora reconhece que utiliza o elemento típico do *storytelling* para falar da temática “fora de contexto” e introduzir o episódio nesse primeiro momento, como podemos observar em sua fala: “Porque eu quis abrir esse episódio com essa observação da Carol não para falar do Bolsonaro. Chega desse livramento. Mas porque é um gancho perfeito pra duas histórias que a gente vai contar hoje (...)” (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 4).

4.3.1.1 – Episódio Fora de contexto - Ato 1

Após essa introdução feita por Branca, inicia-se o primeiro ato que tem como principal conflito em seu plano de expressão a aparição inesperada de uma baleia nas margens do rio Tapajós, no Pará, em 2007, e, por estar tão longe do mar, a questão é abordada como algo "fora de contexto".

Natália Silva, produtora da Rádio Novelo, é a responsável por guiar o ouvinte nesse primeiro ato. No plano da expressão, podemos observar que para iniciar o ato, Silva utiliza de uma pequena narrativa comum a qualquer pessoa para causar uma sensação de proximidade com o ouvinte. Aqui, a linguagem radiofônica, voltada para a palavra, recorre a estratégias de antecipação, identificação e também faz uso de pergunta retórica:

Talvez tenha uma palavra em alemão pra descrever o sentimento de ver uma coisa num lugar onde ela não devia tá. Pra sensação de abrir a geladeira e ver a escova de dentes lá dentro. Praquilo que bate naqueles segundos em que você fica tentando entender como que aquilo foi parar ali. O tempo até o seu cérebro processar o que que é aquele objeto, ou o que que ele tá fazendo ali. Tipo: será que o meu namorado tá numa nóia de limpeza e botou a escova de dentes ali pra matar um tipo de bactéria que não resiste ao frio? Eu não encontrei a palavra em alemão no Google, ou qualquer outra palavra em outra língua que desse conta desse sentimento. O que é uma pena, porque seria o gancho perfeito pra essa história que eu vou contar hoje. (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 5).

Essa introdução, além de possuir um toque de humor, chama a atenção do ouvinte. No entanto, a linguagem radiofônica não se limita à narrativa verbal. O uso de trilhas e efeitos sonoros contribui significativamente para a imersão do ouvinte. Neste primeiro ato, sons de discagem para ligações telefônicas (ep 2 - 10'11") são utilizados para contextualizar as chamadas realizadas entre personagens para falar sobre a aparição da baleia, enquanto sons de helicópteros sobrevoando a região (ep 2 - 11'59") reforçam a forma como foi feita a busca pelo animal há 17 anos atrás.

Além disso, o episódio é finalizado ao som da música "Minke subiu" da cantora amazonense Maria Lídia, que conta em seus versos como a Baleia-de-minke se perdeu até chegar na região. É possível entender o impacto que essa aparição teve na população ribeirinha através da emoção da performance musical, é um momento de reflexão ao final do episódio.

Partindo para a observação das características do episódio, no plano estória, Natália Silva mantém uma narração direta e informal, estabelecendo uma conexão imediata com o ouvinte. Nesse sentido, destacamos a (des)intermediação e a informalidade como estratégias narrativas mais presentes.

Ainda que o tema principal do primeiro ato seja a aparição da baleia, o pano de fundo da metanarrativa é a preocupação ambiental e ameaça do homem para a natureza e os ribeirinhos. O jornalista e antropólogo Fábio Zuker, principal fonte do primeiro ato, descreve como a busca pela baleia ao longo dos dias em que ela permaneceu no rio Tapajós e sua morte afetaram a crença dos ribeirinhos, a ponto de eles acreditarem que as águas do Tapajós estavam sendo roubadas pelos navios, e que foi assim que a baleia chegou ali. A transcrição de sua fala é a seguinte: “O que acontece é que vêm embarcações de outros países que pegam água do mar, vêm no Tapajós, jogam essa água e voltam com a água boa do Tapajós.” (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 8).

A produtora Natália Silva conclui o episódio relacionando o incidente da baleia a uma experiência pessoal, o que vai ao encontro com a tendência à subjetividade dentro do jornalismo “Essa teoria, do roubo da água do Tapajós, me lembrou um documentário dos anos 70 da BBC que eu vi um tempo atrás.” (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 10), após o trecho, ela cita uma frase do documentário que explica que nós seres humanos quando vemos algo num lugar inesperado, sempre tentamos encontrar um sentido para o porquê aquilo está ali. Essa ideia retorna ao ponto de partida, a pergunta retórica sobre a escova de dentes na geladeira, “Se a escova de dentes tá na geladeira, tem alguma razão pra isso, né?” (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 10), como se a estrutura desse episódio fosse circular e deixasse o ouvinte refletindo sobre a questão inicial.

4.3.1.2 – Episódio Fora de contexto - Ato 2

O segundo ato explora em seu conflito como acontece a veiculação de uma entrevista com o músico Caetano Veloso, cuja fala foi descontextualizada e transformada em um meme na internet

Para dar início ao segundo ato, a Paula Scarpin e a Flora Thomson-DeVeaux, diretoras da Rádio Novelo, intercalam informações em suas falas com as sonoras da primeira entrevistada, de forma que elas se complementam e criam uma certa

antecipação (*foreshadowing*¹⁸) sobre o que se trata a história de acordo com o enquadramento e informações que vão surgindo. Por exemplo, quando vão mostrando que a entrevistada Elisa Riemer possui um canal no Youtube e isso faz com que o ouvinte se pergunte “Por que esse elemento é importante?” e “Onde essa história vai me levar?”. A transcrição do episódio demonstra essa estratégia narrativa:

Paula Scarpin: Em 2012, a artista plástica Elisa Riemer fez um canal no YouTube.

Flora Thomson-DeVeaux: Não é que ela fez um canal...

Elisa Riemer: É, na verdade eu não fiz um canal, eu tinha um Gmail e, e eu usava às vezes pra fazer upload de algumas paradas que eu quisesse, mas eu nunca pensei assim: "Ai, vou fazer esse canal..."

Paula Scarpin: É, não foi caso pensado, mas dá pra dizer: foi feito um canal. E ela começou a subir alguns vídeos aleatórios nesse canal. (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 12)

Após uma sequência de informações intercaladas nas vozes das jornalistas e da entrevistada sobre os vídeos do canal e o número de visualizações, entendemos que a Elisa Riemer é uma personagem relevante para história, uma vez que criou o meme do qual se trata o episódio. O tipo de estratégia aqui utilizado é a criação de um clímax já que o ouvinte não sabe porque um dos vídeos do canal de uma pessoa “desconhecida” tem 3 milhões de visualizações, a resposta só chega com a sonora do meme (ep 2 - 24’00”) que pode ser reconhecido facilmente por quem utiliza redes sociais na atualidade.

O conceito de antecipação e clímax, que instiga a curiosidade do ouvinte, também é utilizado dentro do plano de expressão para a introdução de outro personagem relevante, o Gustavo Mayrink. Ele é apresentado de forma inesperada, por meio de uma sonora em que opina sobre Caetano Veloso (ep 2 - 28’37”). Nesse momento, ainda não sabemos quem ele é, o que demonstra a liberdade criativa permitida pela narrativa sonora, já que não temos a imagem para identificar quem está falando.

A edição final e a forma como Flora Thomson-DeVeaux e Paula Scarpin conduzem a entrevista permitem que a identidade de Gustavo Mayrink seja revelada

¹⁸ Técnica utilizada por narradores para dar indícios sobre pontos principais de um enredo que acontecerão posteriormente na história.

apenas no momento em que ele responde ser filho de Geraldo Mayrink, o repórter responsável pela entrevista que deu origem ao meme “Como você é burro, cara” de Caetano Veloso.

A temática sobre memes e virais da internet, permite que o tom de conversa mais informal permaneça ao longo de toda a narrativa, afinal, os memes também utilizam esse tipo de linguagem, o que contribui para estabelecer uma conexão com o ouvinte e facilita a identificação do público com o conteúdo.

Neste ato, a utilização de elementos sonoros, como a modificação de voz ao citar falas de outras pessoas na voz das entrevistadoras (ep 2 - 48’57”), barulho de ligação de chamada de vídeo (ep 2 - 49’40”) ou outros sons para inserir sonora de fontes, ajuda o ouvinte a acompanhar com mais facilidade a história e também a identificação de seus 8 personagens (Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux: equipe da Rádio Novelo; Elisa Riemer: artista plástica dona do canal que criou o meme; Gustavo Mayrink: filho de Geraldo Mayrink; Adolpho Sormani: cunhado de Geraldo Mayrink; Eduardo Heck de Sá: jornalista; Caetano Veloso: músico e objeto do meme; Nathalia: esposa de Gustavo).

A inserção das músicas mencionadas pelas jornalistas e os entrevistados é outro ponto que deve ser observado, já que esse tipo de trilha enriquece a imersão auditiva. Temos trechos com “São João, Xangô Menino”, de Caetano Veloso, “Olha pro céu, meu amor”, de Luiz Gonzaga, “Eu te amo”, de Caetano Veloso e “Boneca de piche”, de Ary Barroso.

No plano da estória, o episódio se destaca pela inovação e intimidade, ao incorporar diversos elementos de *storytelling* aqui já citados, como clímax e *foreshadowing*. Além disso, diferente do primeiro ato, o segundo introduz o ouvinte a uma roda de conversa realizada entre personagens, Gustavo Mayrink e Caetano Veloso, que anteriormente no episódio haviam sido apenas mencionados ou entrevistados individualmente.

O processo jornalístico para que a roda de conversa aconteça é mencionado durante o segundo ato, mostrando um pouco do bastidores do que acontece para que o episódio seja feito “**Flora Thomson-DeVeaux:** Usando aqui a mágica da edição, a

gente pode cortar da história mais de um ano de trocas de e-mail com o assessor, com a Paula Lavigne, com o próprio Caetano...” (Rádio Novelo Apresenta, 2022, p. 34)

Essa escolha de revelar o que ocorre nos bastidores da produção do episódio remete à ideia de um narrador dialógico (Thomé e Reis, 2022), onde a autoridade do jornalismo só é reafirmada por meio da transparência do processo de apuração ou por meio do acréscimo de detalhes que, anteriormente, não podiam fazer parte da narrativa jornalística.

A metanarrativa deste ato mostra ao ouvinte como ocorre a descontextualização de discursos e imagens na era digital. Embora o episódio seja conduzido de maneira leve e humorística, ele reforça que existe uma distorção sobre as pessoas por trás de um meme. Após o episódio, o ouvinte pode ter uma nova perspectiva da imagem de Geraldo Mayrink, o repórter chamado de “burro” pelo músico Caetano Veloso, bem como a própria posição de Caetano naquele contexto. Essa nova visão é possível graças à apuração jornalística detalhada, que envolve entrevistas com os personagens envolvidos e acesso a arquivos antigos.

4.3.2 – Episódio 72 horas

O segundo episódio da playlist “*This is Rádio Novelo Apresenta*” é “72 horas”¹⁹, onde o tema a ser tratado são relatos sobre o que acontece quando profecias falham e o mundo não acaba. Mais uma vez, a introdução de Branca Vianna ao episódio conta com intervenções da apresentadora, desta vez contestando ideias e frases de senso comum sobre a virada de ano, momento no qual o episódio foi lançado. O tipo de entonação e o ritmo da fala da apresentadora também contribuem para adicionar humor ao que é falado, segue a transcrição que exemplifica isto: “Virada de ano é um momento de reflexão, né, aquela chuvarada de clichês, um novo começo, uma página em branco. Que página em branco que nada. A gente chega no ano novo cheia das cicatrizes do ano passado.” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.1)

Essa introdução ao episódio, conta com o uso de uma figura de linguagem, a analogia, no qual a apresentadora quer estabelecer uma conexão entre a virada de ano

¹⁹ Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/72-horas/>

e uma linha imaginária. Ou seja, comparar dois conceitos diferentes para explicar um deles. A linha imaginária mencionada também serve de gancho para a apresentadora introduzir a história do primeiro ato, uma vez que existe uma linha imaginária que a história do ato 1 vai investigar.

4.3.2.1 – Episódio 72 horas - Ato 1

O primeiro ato tem como conflito a tentativa de encontrar uma explicação para o modo como diferentes grupos de pessoas lidam com a falha de profecias, o episódio aborda os seguintes grupos: uma seita no interior da Amazônia (AEMINPU²⁰), uma seita fundada em 1954 nos EUA (*Brotherhood of the Seven Rays*) e, ainda que o grupo a seguir não seja uma seita, os seguidores de Bolsonaro (bolsonaristas).

Para contar essa história que possui diversas camadas, a linguagem radiofônica utiliza da palavra, música, silêncio e efeitos sonoros. Um elemento de “palavra” recorrentemente empregado neste ato pela diretora da Rádio Novelo, Flora Thomson-DeVeaux, são as perguntas retóricas, que funcionam como um momento reflexivo para o ouvinte e, em outros instantes, auxiliam a retomada da história, afinal, tanto o ouvinte quanto a narradora sabem a resposta óbvia para a pergunta que é feita, como nos casos “Até aí, mais ou menos normal, né? Gente anunciando o fim do mundo é o que não falta” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.3) ou “Só que se você tem um bunker pra sobreviver ao fim do mundo, mesmo que seja um bunker espiritual, você não vai deixar qualquer um entrar, né?” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.7). Outro ponto importante está no uso de um discurso direto com o ouvinte, chegando a mencionar o “você” nas frases, além de usar um tom mais informal.

Como foi discutido ao longo deste trabalho, apesar de sua abordagem voltada para o entretenimento, o podcast está preocupado em informar o ouvinte uma vez que também se apresenta como um podcast jornalístico. Nesse sentido, a jornalista busca corrigir informações dadas pelos entrevistados do podcast e inclui informações mais detalhadas que foram apenas mencionadas nas frases dos entrevistados. Durante o primeiro ato, isto acontece quando o grupo revolucionário “Sendero Luminoso” é

²⁰ Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal

referenciado pelo entrevistado Eduardo e logo em seguida Flora Thomson-DeVeaux aparece inserindo o contexto apurado em sua fala (ep 7 - 4'22").

Como estratégia narrativa no plano da expressão, também é possível notar a articulação de uma tensão para o clímax de revelar um possível "fim de mundo" neste primeiro ato. Esse discurso envolve o relato de Eduardo sobre um ritual que ele presencia em uma seita no qual é revelado que o apocalipse está próximo. Após esse momento, ele retorna a civilização e assiste a uma tragédia sendo veiculada na televisão. Um ouvinte atento aos detalhes logo percebe que a narrativa do episódio se passa em 2001, o que pode levar à suposição de que o evento apocalíptico sendo televisionado era o ataque de 11 de setembro. No entanto, essa revelação pode surpreender o ouvinte menos atento. Ainda assim, os elementos e pistas sobre o que estava por vir foram deixados ao longo da narrativa.

Da mesma forma, a música interfere na narrativa e, neste ato, ela aparece como um elemento para causar emoção no ouvinte, como medo, tensão e a sensação de suspense. Observamos uma trilha de mistério (ep 7 - 10'36") quando Eduardo, jornalista entrevistado, explica que, durante esse ritual dentro da seita AEMINPU que ele acompanhava, começa a entender o que uma das participantes está falando em glossolalia, também chamada língua dos anjos "E uma característica peculiar da língua dos anjos é que ela não pode ser compreendida" (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.8).

O elemento do "silêncio" aparece através de pausas entre as falas de Flora Thomson-DeVeaux para instigar o ouvinte com curiosidade ou enfatizar o que é falado, observamos isto no momento que a jornalista conta como os seguidores da seita AEMINPU (ep 7 - 6'05") esperaram pela ressurreição do líder Ataucusi Gamonal após a sua morte e ela cria um tipo de suspense com as pausas sobre o tempo que está passando.

Flora Thomson-DeVeaux: (...)Os seguidores dele acreditaram, claro, e guardaram o corpo dele num caixão de vidro. Eles ungiram o corpo, rezaram, e esperaram. Um dia.[pausa] Dois dias. [pausa] Três dias.

Eduardo: E ele não ressuscitou.

Flora Thomson-DeVeaux: Eles ainda deram mais um tempo. Quatro dias. Cinco. Seis. Finalmente, depois de uma semana, enterraram o Gamonal. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.5)

No plano da estória, todas as características mencionadas anteriormente como o discurso direto, uso de “você”, o tom de conversa e perguntas retóricas fazem parte da (des)intermediação e informalidade.

A questão da inovação se dá pelo uso de uma narrativa não linear, uma vez que temos três histórias contadas neste ato que acontecem em anos diferentes e são intercaladas entre si sem seguir uma ordem cronológica.

Primeiro, a narrativa parte dos acontecimentos vividos por Eduardo em 2001 na seita AEMINPU, onde ele presenciou uma profecia de fim de mundo que parecia estar se concretizando com o atentado de 11 de setembro contra as torres do World Trade Center. Em seguida, a narrativa retorna para o momento em que o podcast é gravado, ano de 2022, onde o ouvinte fica sabendo a experiência de Eduardo atual e pode fazer um paralelo com o passado. A falha da profecia apocalíptica de 2001 serve de ponto de encontro com o momento presente em que a derrota de Bolsonaro causa reações adversas em seus seguidores bolsonaristas. Como o personagem menciona em um trecho da entrevista “Eu falava “gente, isso aqui é muito parecido com a mesma coisa que eu vi da revelação em 2001, quando as pessoas em volta de uma fogueira” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.13). Após esse momento que descreve a atualidade, Flora Thomson-DeVeaux volta a sua narrativa para o passado em 1954, com o intuito de utilizar o que aconteceu com a seita *Brotherhood of the Seven Rays* como base para exemplificar o que está acontecendo no presente com o bolsonarismo, ela enumera: “Pra começar a entender, a gente tem que deixar a Avenida Paulista, a PRF, a Amazônia, e o ano de 2022 pra trás...e ir pros Estados Unidos em 1954. Prum outro episódio de fim de mundo. Pois é, são muitos.” (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.13).

As três histórias do ato, que parecem desconectadas entre si, revelam, ao final, uma relação comum: a busca incessante que os grupos mencionados fazem pela justificativa de falhas, sustentando suas crenças mesmo diante de evidências que contradizem a realidade inventada. Esse fenômeno é identificado pelo entrevistado João Cezar de Castro Rocha, professor da UERJ, como dissonância cognitiva.

Além da conexão entre as histórias, existe uma conexão mais profunda com o público por meio de elementos que causam intimidade. Quando Flora Thomson-DeVeaux compartilha sua própria experiência com teorias e profecias do fim

do mundo nos anos 2000, ela quer que o ouvinte compreenda sua vivência ainda que ela fosse apenas uma criança na época, trazendo um ar de humor e inocência. Esse relato aproxima-se da tipologia de narrador-testemunha (Leite, 2002) anteriormente estudado:

Acho que eu até tentei ficar acordada até a meia-noite naquele Réveillon, mas não consegui. E no dia seguinte, o dia depois do fim do mundo... eu acordei e tava tudo igual. Eu lembro de sentir um pouco de alívio... e um pouco de decepção que eu não ia viver uma grande aventura lutando contra computadores assassinos (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 6)

Outro ponto de intimidade são os bastidores da notícias, onde a narradora Flora Thomson-DeVeaux escolhe revelar aos ouvintes o uso de uma fonte *off the record*²¹. Neste caso, o Eduardo, que em momento algum conhecemos o sobrenome. Os motivos ela explica no próprio podcast:

Essas investigações mais recentes do Eduardo são meio delicadas, e ainda estão em andamento... e é por isso que ele pediu pra gente não mencionar o sobrenome dele aqui. Mas o negócio é: o que aconteceu no Brasil depois das eleições...despertou nele aquela lembrança de 2001. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 12)

A metanarrativa é bem evidente neste ato, a ideia é denunciar a dissonância cognitiva coletiva que ocorreu em 2022 devido ao bolsonarismo, onde *fake news* e artifícios da midiosfera extremista foram utilizados para justificar a derrota de Bolsonaro nas eleições. Não por acaso, o nome do episódio é 72 horas, já que, para racionalizar a derrota nas urnas, os eleitores de Bolsonaro estipularam esse período de tempo de bloqueio das estradas como uma tentativa de recuperar o poder e acionar o “verdadeiro” presidente. Da mesma forma, a seita de AEMINPU aguardou três dias para o retorno de Agamonal, e a seita *Brotherhood of the Seven Rays* adiou o apocalipse mundial.

4.3.2.2 – Episódio 72 horas - Ato 2

O segundo ato do podcast trata de um assunto que foi noticiado por vários veículos jornalísticos, ou seja, uma pauta quente. Ao contrário do episódio 2, que trata

²¹ Uso de declarações e informações contanto que não sejam atribuídas à pessoa que falou.

de assuntos considerados de “conteúdo frio” e não depende do que acontece na sociedade naquele momento para ser veiculado com rapidez, o episódio 7 tem essa relação com o que era relevante para a sociedade no momento em que ele foi lançado (*hard news*).

Nesse ato, são narradas as 72 horas que acompanham o término do mandato de Jair Bolsonaro e a posse presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, proporcionando uma cobertura detalhada desse evento histórico.

Todo esse ato é focado em gerar uma imersão profunda dos eventos que ocorrem ao longo de três dias em Brasília. No plano da expressão, o elemento da palavra é utilizado de maneira a descrever detalhadamente os ambientes e ações, permitindo que o ouvinte visualize o que ocorre. Essa abordagem evidencia a intenção de criar uma experiência auditiva por meio da narrativa verbal, assim o ouvinte consegue imaginar a cena:

Paula Scarpin: As nossas 72 horas começaram na beira da estrada, no dia 30 de dezembro. A gente tava nos arredores da cidade, a Carol no volante, quando a gente viu vários homens correndo. Eles tavam todos de branco, camiseta e bermuda, alguns descalços, outros de chinelo. Parecia primeiro de janeiro em Copacabana. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 25)

Além disso, as sonoras do episódio desempenham um papel crucial na construção da narrativa, contando a história por meio de sons e ruídos, como o som do vento, a ambientação da rua, helicópteros (ep 7 - 42’30”), buzinas, gritos (ep 7 - 50’49”), abertura e fechamento de porta-malas (ep 7 - 44’47”), e até o bipe de rádio comunicador do policial (ep 7 - 51’03”). Certamente em uma edição, esses sons poderiam ter sido removidos ou feito parte apenas da gravação bruta que não seria incluída no episódio final. No entanto, a escolha de mantê-los como efeitos sonoros de forma intencional tem como objetivo contextualizar o que ocorre em cena e durante as entrevistas, enriquecendo a experiência do ouvinte e contribuindo para que o público se sinta mais próximo.

A música ganha destaque em um momento específico, quando sonora de um repentista cantando no acampamento pró-Bolsonaro é inserida na narrativa. O repentista Geraldo Queiroga faz versos inesperados sobre o que está acontecendo no contexto político em sua visão. Por meio dessa “trilha sonora”, o ato não apenas

proporciona ao ouvinte uma compreensão das motivações dos acampados, mas também alivia a tensão na narrativa com um tom alegre (ep 7 - 45'06").

Partindo para o plano estória, esse ato em específico possui um grande número de personagens, incluindo as três repórteres oficiais da Rádio Novelo Apresenta: Paula Scarpin, Flora Thomson-DeVeaux e Natália Silva. O formato mais imersivo deste segundo ato é o que explica tantas aparições e vozes diversas, como soldados, presos, mulheres e homens do acampamento pró-Bolsonaro, apoiadores de Lula e mais.

Nessa perspectiva, o segundo ato se destaca pela inovação e intimidade. As repórteres não apenas conduzem a narrativa, mas também se tornam personagens ativas nela. Os ouvintes acompanham de perto os caminhos que elas percorrem, os desafios enfrentados nos bastidores das entrevistas, como os bloqueios por ameaças de bomba e a interrupção por grupos agressivos contra as jornalistas, e como tudo isso impacta na construção da narrativa jornalística. Ainda assim, isso faz parte da apuração jornalística, uma vez que para entender o clima da posse, as jornalistas precisam estar dentro desse universo e viver tudo isso.

Em determinado momento, a Carol Pires, repórter colaboradora da Rádio Novelo, é consultada como fonte para explicar a localização das jornalistas em Brasília. Por morar há mais tempo na cidade, Carol oferece um conhecimento que contribui para a reportagem e, de certo modo, aproxima o texto do narrador dialógico (Reis e Thomé, 2022) que dá maior credibilidade ao jornalismo por meio de suas experiências.

Os bastidores do "fazer jornalístico" também estão presentes com comentários, como quando Nathália Silva reflete sobre suas obrigações como jornalista antes de iniciar a sua entrevista com as crianças que encontram na esplanada em Brasília "É papel do jornalismo ouvir todos os lados de uma história... por mais difícil que isso seja. Como ouvir os bolsonaristas já tinha sido uma tarefa arriscada, a alternativa foi ouvir não todos os lados da história, mas todas as alturas." (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 42) e também as dificuldades que enfrenta com público infantil "Rolou um vai e vem de respostas meio monossilábicas...entrevistar criança é difícil pra caramba." (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 42).

Os elementos sonoros e escolhas de edição contribuem para a criação de uma narrativa de testemunho, ainda que o objetivo principal seja cobrir o fim do governo

Bolsonaro e início do governo Lula. É possível observar isso quando os ouvintes têm acesso a conversas pessoais entre a equipe de jornalistas dentro do carro, momentos antes de adentrarem um acampamento bolsonarista. Esses recursos criam uma imersão que faz com que o ouvinte se sinta como se estivesse no banco do passageiro, acompanhando a reportagem em tempo real e, logo em seguida, compartilhando o mesmo medo incerto sobre a recepção desse público que é conhecido por ser contra a imprensa.

[buzinas]

Carol Pires: Acho que tenho uma bandeira do Brasil no porta malas.

Paula: Tá de sacanagem.

Flora Thomson-DeVeaux: O quê?

Paula Scarpin: Carol tem uma bandeira do Brasil no porta malas.[risos]
Por que, por causa da Copa?

Carol Pires: Não, da última vez que eu cobri um protesto.

Paula Scarpin: Cê levou?

Carol Pires: Eu trouxe do protesto. Vamo ver se tá aí.

(...)

Flora Thomson-DeVeaux: Mas não precisa, né, gente?

Paula Scarpin: É bom, né, é uma proteção.

Carol Pires: Eu tenho um disfarce maravilhoso que é um bonequinho do General Heleno [som de seta do carro] (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 30)

O receio se confirma com o xingamentos e gritos que as repórteres enfrentam pela multidão do acampamento ao serem abordadas por duas mulheres, o som de buzinas e gritos torna o episódio bem caótico até o momento em que elas conseguem sair escoltadas por um soldado.

Ainda que ambos os atos do podcast possam ser escutados separadamente, durante este episódio o ato 2 faz uma referência ao ato 1, citando um dos entrevistados ao falar sobre como a multidão agiu de forma extremamente agressiva ao tentar “defender” suas ideias “Eu lembrei do João Cezar dizendo: “Não sou loucos. São reféns”. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.32). O assunto do primeiro ato, as profecias, também está presente na finalização do segundo ato com a entrevista de Ana Cristina, pastora do Ministério de Arrependimento e Santidade Internacional que estava presente na posse de Lula, que é questionada se o apocalipse está próximo e afirma que tudo indica que sim. Com essa última frase das entrevistas na posse presidencial, as

jornalistas conectam ambos os atos com um tipo de narrativa circular, bem como foi feito no episódio anterior analisado.

Outro elemento presente ao longo da narrativa é a (des)intermediação, afinal, a equipe da Rádio Novelo faz uso de termos como "você" e "a gente". O tom de conversa está presente também em breves comentários pessoais sobre sentimentos ou pensamentos, como a fala de Flora Thomson-DeVeaux "Foi a primeira vez que eu fiquei feliz com as avenidas gigantescas de Brasília. Tinha umas seis faixas entre a gente e o que era agora uma multidão enfurecida." (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.35).

O último elemento desta análise, a metanarrativa, se refere a uma tentativa de compreender a conjuntura política diante da transição de governos. Os três dias em Brasília permitem que as jornalistas captem o clima de ambos os lados, onde existia um Brasil extremamente polarizado entre bolsonaristas e apoiadores de Lula.

4.3.3 – Episódio Maria e Café

Com uma estrutura totalmente diferente dos episódios recorrentes da *Rádio Novelo Apresenta*, o episódio "Maria e Café"²² possui apenas um ato ao longo de toda a sua duração, no qual o conflito apresentado é narrado pela própria personagem da história, a Maria Stockler Carvalhosa. A apresentação inicial é feita por Branca Vianna, na qual ela faz uma pequena introdução utilizando estratégias narrativas como: metáforas – comparando a vida com um livro e expressando que as mudanças são como um abalo de terremoto – e repetição em sequência da expressão "às vezes" para dar o sentido de mudança de pensamentos ao longo de um período de tempo "Às vezes a gente sabe na hora. Às vezes a gente percebe logo depois. Às vezes demora anos pra gente se dar conta do impacto que aquilo teve." (ep 8 - 00'19").

4.3.3.1 – Episódio Maria e Café - Ato 1

O episódio tem como conflito o fato de que Maria Stockler Carvalhosa, deficiente visual, é selecionada para receber um cão-guia, o Café, e não sabe como será a

²² Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/maria-e-cafe/>

adaptação ou se ela vai conseguir ficar com ele. Durante a história, é explicado que os cães-guia não podem ser comprados, eles são adestrados em institutos e depois é necessário encontrar a parceria perfeita entre cão e deficiente visual para que ele seja destinado a ajudar essa pessoa. Neste episódio, o ouvinte consegue adentrar o universo de Maria enquanto ela aprende comandos para seu cão-guia, lida com novas sensações e emoções enquanto aprende a viver essa nova fase da vida.

Realizando a análise da linguagem radiofônica, o elemento “palavra” deste episódio apresenta descrições mais detalhadas do ambiente e do que acontece ao longo da narrativa. Essa escolha reflete o fato de que a narradora convive com a cegueira, utilizando a descrição como ferramenta para compreender o mundo ao seu redor e se comunicar. Essa abordagem é relevante, pois destaca a inclusividade dos podcasts, que dispensam o uso da visão e permitem ao ouvinte imaginar os acontecimentos exclusivamente por meio da linguagem verbal, como nesse trecho bem descritivo:

Daí eles ensinaram as três posições que eles treinam na caminhada com o cão-guia. A primeira é a posição de parada: os seus pés estão alinhados com as patas dianteiras do cachorro. A segunda posição é quando você dá o comando pra ele começar a caminhada. O pé esquerdo continua na frente e o direito vai pra trás. Parece que você tá fazendo a egípcia. Na terceira, você traz o pé que tinha ficado na frente pra trás também. Essa posição abre espaço pro cachorro. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 15)

Também há a explicação de termos que são muito utilizados pela comunidade cega para se localizar ou se comunicar com seus cães-guia – tudo isso de acordo com o instituto em que eles foram treinados. Como a história tem como foco narrativo o “narrador-testemunha”, toda a narração é feita 1ª pessoa e, por isso, os ouvintes ficam bem mais próximos da vivência mais real possível de Maria.

Outra característica relevante é que neste episódio o uso de “você” não é para dar um tom de conversa ou fazer perguntas retóricas ao ouvinte como nos episódios anteriores. Aqui a narradora constantemente faz uso do pronome “você” para generalizar uma situação e dar exemplos do que pode acontecer com uma pessoa cega, isto é, ela faz o uso do “você” como um pronome indefinido (Durante, 2016). A

narração se refere a um sujeito indefinido, mas torna o exemplo mais acessível pois qualquer pessoa pode se colocar no lugar da narradora ao ouvir “você”:

Porque o cão-guia, tecnicamente, não é mesmo seu. Ele é de responsabilidade da escola de treinamento, que só deixa ele temporariamente com você. E tem um contrato pra isso. Se você não cuida direito do cachorro, ou se quebra alguma cláusula, você deixa de ser a usuária do cão-guia. Eles buscam o cachorro e você entra na fila mais uma vez. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p. 3)

Os efeitos sonoros desempenham um papel ativo na narrativa, especialmente neste episódio, que conta com um diário virtual gravado em áudio por Maria Stockler enquanto ela estava hospedada no Instituto Magnus aprendendo a conviver com seu cão-guia. Como a voz de Maria é uma presença constante ao longo de todo o episódio, para distinguir as entradas do diário virtual do restante do podcast, são utilizados bipes do gravador, marcando o início (ep 8 - 21’28”) e o fim dessas gravações (ep 8 - 21’42”). Além disso, nos trechos do diário, podemos ouvir ruídos caseiros e sons de ambientação que dão uma sensação mais amadora, inclusive é possível ouvir o cão-guia Café roendo um osso (ep 8 - 40’02”). Em determinados momentos que são relevantes para a narrativa, aparecem sons que complementam o que é contado, como quando Maria Stockler pega um voo do Rio de Janeiro para São Paulo e ouvimos sons do seu check-in (ep 8 - 24’58”) .

O elemento do “silêncio” se faz presente entre as falas narradas de Maria e as inserções de seu diário virtual, além disso, com esse recurso é possível criar um ritmo de fala mais agradável e mudar a entonação durante a narração, o que é muito utilizado pela narradora. Já o elemento “música” se mostrou presente em trilhas originais de acordo com a emoção que o trecho queria demonstrar ao ouvinte, por exemplo, uma trilha sonora alegre é utilizada (ep 8 - 22’55”) quando Maria está prestes a viajar para finalmente começar seu treinamento no Instituto Magnus. É possível ouvir uma trilha que se assemelha ao som da bengala de pessoas com deficiência visual (ep 8 - 24’29”) quando Maria explica como o cão-guia age e sua função no auxílio de pessoas com cegueira. Bem como, a trilha fica um pouco tensa e remete ao suspense (ep 8 - 45’06”) quando Maria fala sobre o seu resíduo visual e a dificuldade que encontrou para não usá-lo enquanto treinava junto com seu cão-guia.

O plano estória conta com poucos personagens, as principais vozes que escutamos neste episódio além de Maria Stockler são: Vanessa França – professora de orientação e mobilidade do Instituto Benjamin Constant – e George Harrison – o instrutor de cães-guias do Instituto Magnus. No entanto, a participação de ambos é relevante para acompanhar toda a jornada vivida nesse momento de adaptação entre deficiente visual e cão-guia.

É importante explicar que a narradora Maria Stockler Carvalhosa é a personagem principal deste episódio, ela é estudante de letras na PUC Rio e editora de audiolivros Supersônica. Devido a essa ligação com a literatura, podemos entender que existe um estilo autoral bastante marcante nesse episódio, no qual podemos lembrar de Assis (2016) e o movimento de "jornalismo de autor".

Podemos dizer, que nesse sentido o episódio tem característica de narrador-personagem, que é algo muito mais presente na literatura. O jornalismo, como mencionado antes, não se coloca como personagem principal. Ainda assim, vale lembrar que anteriormente vimos que as jornalistas do Rápido Novelo estavam imersas e também eram personagens da história, no entanto elas cobriam algo factual que tinha um contexto nacional e tinham diversos personagens ao longo da história, nesse caso não.

Vale ressaltar que, ao longo da narrativa, Maria Stockler fornece ao ouvinte informações e dados cuidadosamente apurados, as quais desempenham um papel fundamental na construção informativa da história. Por exemplo, em certo momento, a narradora nos informa dados sobre a quantidade de cães-guias em atividade no país.

No Brasil, hoje, tem cerca de 130 cães-guias em atividade. O número varia, algumas pessoas acham que chega a até 200, mas é por aí. E a população no país com pessoas de deficiência visual severa passa de 6 milhões. Ou seja: pra cada cão-guia, tem por baixo trinta mil pessoas cegas. Então é tipo jogar na Mega Sena. (Rádio Novelo Apresenta, 2023, p.2)

Dentre as características do podcast, podemos notar a informalidade, marcada pelo uso recorrente de linguagem coloquial e acessível, assim como pela presença frequente da primeira pessoa, o "eu". Essa escolha contribui para criar uma atmosfera

de maior intimidade com o público, principalmente por meio do diário em áudio da narradora. Outra característica marcante é a inovação na narrativa. Recentemente, observamos a presença constante do narrador-testemunha ao longo de todo o episódio, e não apenas em momentos específicos, como era mais comum em episódios anteriores.

A acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência visual são os temas centrais da metanarrativa desse ato. Dentro desse contexto, o cão-guia auxilia para a autonomia, independência e inclusão social de cegos ou pessoas com baixa visão. O fato de todo o episódio ser narrado pela própria Maria Stocker é importante para entendermos o podcast como um formato acessível para pessoas que convivem com a cegueira.

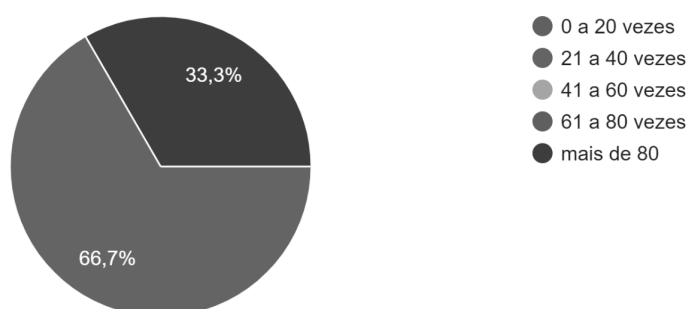
4.3.4 Análise quantitativa dos episódios

Para a análise quantitativa, foi utilizado um formulário onde contabilizou-se o número de termos “eu”, “você” e “a gente” que aparecem ao longo dos episódios. Esses termos estão presentes devido ao formato da narrativa contemporânea do jornalismo, demonstrando mais proximidade com o leitor e ouvinte.

Figura 3 – Gráfico aparição da expressão “eu”

Quantas vezes utiliza a expressão "eu"?

3 respostas

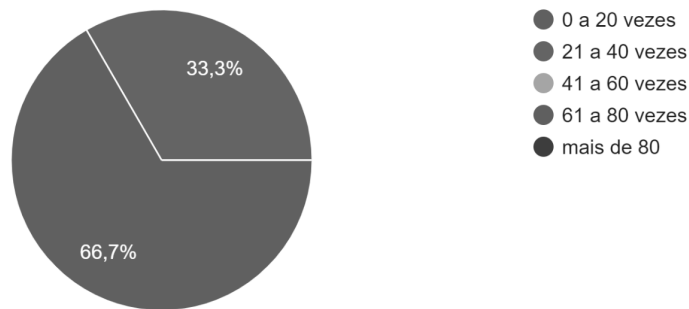


Fonte: Gráfico construído pela autora

Figura 4 – Gráfico aparição da expressão “você”

Quantas vezes aparece a palavra "você"?

3 respostas

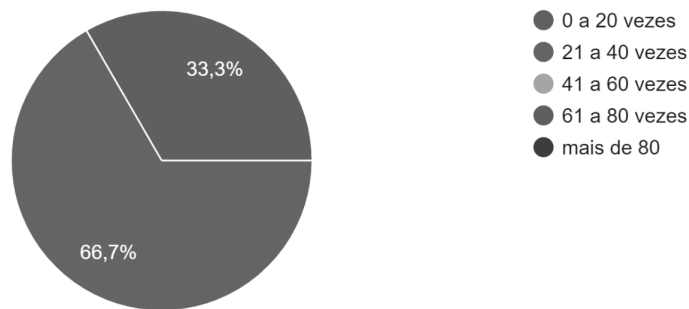


Fonte: Gráfico construído pela autora

Figura 5 – Gráfico aparição da expressão “a gente”

Quantas vezes utiliza a expressão "a gente"?

3 respostas



Fonte: Gráfico construído pela autora

O episódio “Maria e Café” foi o que mais utilizou o termo “eu”, ao todo foram 247 vezes ao longo do episódio, vale ressaltar que o termo não foi contabilizado durante as sonoras do diário pessoal, apenas durante a narração do podcast. Devido ao fato deste

relato ser mais pessoal e que refere-se a um tipo de jornalismo autoral, faz sentido que o termo apareça mais vezes que nos outros episódios.

Como podemos observar, o termo “você” também é utilizado e reforça a ideia de conversa dentro dos episódios do *Rádio Novelo Apresenta*. O ato de tratar diretamente sobre os assuntos de um podcast, de notícias ou de reportagens com o ouvinte é algo que está cada vez mais presentes nas mídias comunicacionais.

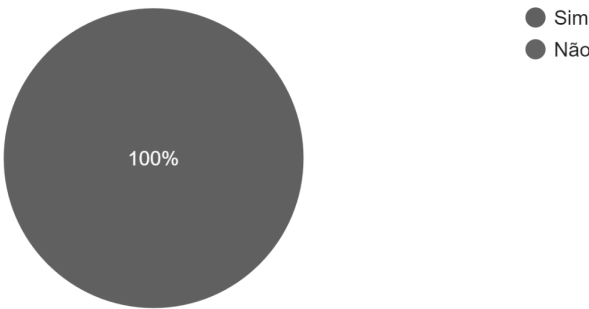
O formulário ainda mostrou que o termo “a gente” aparece com maior frequência no episódio “72 horas”, o que faz sentido dentro do contexto do episódio, uma vez que as jornalistas estavam em equipe atuando para a produção dessa reportagem e relataram o que todas elas viveram naquela imersão da posse presidencial. Com essa estratégia, as jornalistas conseguem passar autenticidade em sua reportagem e os ouvintes passam a entender a rotina jornalística mais de perto, partindo para a perspectiva de narrador dialógico (Thomé e Reis, 2022).

Por meio desses gráficos, podemos confirmar que o jornalismo contemporâneo e sua narrativa utilizam-se de construções narrativas que dão às reportagens um tom de conversa mais informal, algo comum a um certo tipo de entretenimento (Dejavite, 2007). Além disso, a presença desses termos revela um tipo de jornalismo que é possível hoje graças à maior subjetividade, permitindo a inserção do jornalista na narrativa, em um processo de subjetivação (Thomé, 2021 ; Becker e Thomé, 2023). Isso contrasta bastante com o modelo anterior, que buscava simular uma objetividade.

Figura 6 – Gráfico aparição de relato pessoal

Existe alguma menção de histórias do próprio jornalista dentro do episódio?

3 respostas



Fonte: Gráfico construído pela autora

A presença de relatos de caráter pessoal das jornalistas do podcast "Rádio Novelo Apresenta" foi constatada em todos os episódios analisados, o que não ocorre por acaso. É uma questão que abordou-se em capítulos anteriores, o narrador-testemunha (Leite, 2002) e o narrador dialógico (Reis, Thomé, 2022) têm essa premissa, na qual o jornalista utiliza suas experiências para complementar o que está sendo noticiado.

4.4 Perspectivas sobre as estratégias narrativas do Rádio Novelo Apresenta

Após as observações feitas ao longo do trabalho, identificam-se diversas estratégias narrativas comuns tanto à literatura quanto ao formato de áudio, além de inovações específicas do formato do Rádio Novelo Apresenta. No que diz respeito à narrativa, nota-se o uso de uma estrutura circular e de elementos de storytelling, que desempenham um papel crucial nos podcasts narrativos, assim como o emprego de trilhas e elementos sonoros, que ajudam a criar um conteúdo imersivo e envolvente.

Com relação à narrativa circular, destacamos a relevância dessa estrutura, em que elementos apresentados no primeiro ato são retornados no segundo, proporcionando um fechamento ao episódio e criando um momento de reflexão sobre os temas abordados.

Observa-se que o Rádio Novelo Apresenta se aproxima das crônicas radiofônicas da década de 1960, retomando o que Thomé (2015) afirma sobre Dinah Silveira, que acreditava que seu programa encurtava a distância entre o fato e o ouvinte. O podcast objeto deste trabalho segue essa proposta, ao abordar assuntos que podem não fazer parte do cotidiano do ouvinte, mas que, de alguma forma, são relevantes e tratados de maneira a se aproximar do público. Assim como as crônicas no rádio, o Rádio Novelo Apresenta aborda temáticas variadas, com reportagens que podem ser tanto subjetivas quanto factuais em determinados momentos.

O processo de gravação, edição de áudio e escolha de trilha sonora são elementos dos bastidores do jornalismo que também influenciam a qualidade do produto final. Nesse sentido, o fato de o podcast ser dividido em atos é uma escolha editorial e estratégica, já que o ouvinte pode decidir como escutar o podcast, pois as reportagens são independentes entre si. Outro ponto essencial são as sonoras usadas nos episódios que ajudam a dramatizar, ambientar e dar um tom inovador para as histórias narradas.

Com base nos questionamentos propostos por Leite (2002), respondemos algumas dessas questões e concluímos que o foco narrativo recorrente ao longo do podcast utiliza um narrador em terceira pessoa, que se assemelha ao narrador onisciente neutro. Esse narrador é alternado com o uso de um narrador em primeira pessoa do singular em momentos específicos, quando é necessário expor a opinião e as narrativas pessoais das jornalistas, o que consideramos um narrador testemunha. No entanto, esse estilo de foco narrativo não é uma regra em todos os episódios. Por exemplo, no episódio Maria e Café, a narrativa é inteiramente em primeira pessoa do singular, enquanto em um dos atos da cobertura política, como no episódio 72 Horas, utiliza-se a locução pronominal "a gente", com verbos conjugados na terceira pessoa do singular em grande parte da narrativa. Ainda assim, ao entrevistar personagens, as jornalistas assumem uma postura mais distante, priorizando a apuração dos fatos. Enquanto, no momento de narrar o que acontece, o narrador se aproxima do ouvinte, utilizando-se de informações pessoais, um tom informal nas falas e conteúdos que geram identificação com o tema abordado.

Pode-se concluir que este trabalho contribui para futuras pesquisas e o processo de produção de podcasts. A indústria de podcasts cresce cada vez mais e pode ser explorada em diferentes estruturas, usando várias estratégias e recursos sonoros.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi observado ao longo da tese de conclusão de curso, o jornalismo contemporâneo cada vez mais faz uso da narrativa subjetiva, ao contrário de um modelo de jornalismo tradicional que buscava inclusive fazer um esforço para dessubjetivar-se (Motta, 2013), conferindo traços de subjetivação (Becker e Thomé, 2023) e de uso de emoção (Thomé, 2021) e testemunho (Reis e Thomé, 2022), como atestam as pesquisas recentes.

Além disso, no caso do *Rádio Novelo Apresenta*, podemos observar uma hibridização (Becker, 2021) de estratégias narrativas comuns a narrativas ficcionais e não ficcionais, uma vez que o jornalismo busca seguir as tendências do que é consumido nos *streamings* e, com esse objetivo, passa a mesclar os dois tipos de estrutura narrativa em reportagens que têm como foco o infotainment (Dejavite, 2007). O fato de que os dois atos de cada episódio podem ser escutados independentes um do outro também refere-se a esse consumo personalizado que a tecnologia proporciona.

Ainda que o podcast utilize como suporte de sua narrativa elementos da literatura, as histórias contadas nos episódios do *Rádio Novelo Apresenta* são baseadas em fatos reais. Para assegurar a autenticidade das informações, o jornalista frequentemente se faz presente na narrativa, inserindo-se em diversos momentos ao longo dos episódios, seja com comentários ou histórias mais elaboradas, é neste ponto que entendemos como o foco narrativo é relevante para a escolha e forma de contar uma história.

O foco narrativo é peça fundamental para compreender a estratégia narrativa do podcast objeto dessa pesquisa, uma vez que para fazer a narrativa, o jornalista se torna uma testemunha, como mencionado neste trabalho, um Narrador-Testemunha (Leite, 2002), que vivencia as histórias e as apura enquanto reporta tudo o que vê. Um exemplo disso pode ser encontrado no episódio "72 horas", em que as jornalistas do podcast não apenas fazem a cobertura jornalística de um evento relevante para a política nacional, mas também se tornam personagens da própria narrativa. O uso de sonoras no carro antes de iniciar as entrevistas, assim como os sons de momentos de conflito com entrevistados, poderiam ter ficado apenas nos bastidores da notícia, no

entanto, são usados para demonstrar a veracidade do testemunho e dão um tom de dramaticidade ao podcast.

Além disso, o episódio “Maria e Café” consegue evidenciar um jornalismo autoral que possui influência da Sociedade 5.0 e o narrador dialógico (Reis e Thomé, 2022). A narrativa tem como pano de fundo a inclusão de pessoas com deficiência visual, sendo que a própria narradora compartilha suas experiências e dificuldades como pessoa cega. Esse elemento confere ao texto narrado uma dimensão emocional, podendo criar uma conexão mais profunda com o ouvinte. É importante destacar que o tema “Ações Afirmativas nos estudos sobre podcast” foi recorrente nos Anais do Intercom entre os anos de 2019 e 2023, evidenciando a relevância da discussão e o interesse contínuo de público e pesquisadores em explorar essas narrativas. Ainda mais quando a narrativa em áudio sempre buscou ser inclusiva, seja com os cegos e até os analfabetos como vimos neste trabalho.

O Rádio Novelo Apresenta se destaca por trazer histórias que não estão em foco na mídia, seja por terem ocorrido no passado, como o caso da baleia que subiu o Tapajós, ou por apresentarem relatos que não se enquadram no chamado jornalismo “sério” ou de *hard news*, como o caso do meme de Caetano Veloso. Ainda assim, o programa não se limita a isso e também consegue trazer reportagens relevantes no momento em que são transmitidas, como a posse de Lula à presidência da República.

Com este trabalho de conclusão, foi possível entender que a estrutura do podcast utiliza de estratégias de *storytelling*, conceitos de subjetividade e uma linguagem informal, esta última, uma característica que está conectada à narrativa oral desde seu princípio até chegar aos meios tecnológicos, como o rádio e podcast. Como podemos concluir, o podcast *Rádio Novelo Apresenta* faz uso de componentes presentes na narrativa clássica com início, meio e fim, mas também se utiliza de estratégias contemporâneas, com uso de elementos que evidenciam a subjetividade e valorizam os relatos e as histórias de vida também dos jornalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

72 HORAS - Episódio 7. Locução: Branca Vianna. S. l.: *Rádio Novelo Apresenta*, 2022 - atual. Podcast. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/72-horas/> Acesso em: 2023

AGUIAR, Ronaldo Conde. *Almanaque da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2007.

ASSIS, Francisco de. O 'ser autor' na prática do jornalismo diversional. *Alceu* (PUCRJ), v. 16, p. 90-106, 2016.

BECKER, Beatriz. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do fantástico sobre a pandemia da covid-19. *Lumina*, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 6-22, 30 dez. 2021. Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://dx.doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.35300>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BECKER, Beatriz; THOMÉ, Cláudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S.L.], v. 21, n. 47, p. 1-18, 24 jan. 2023. Universidade Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2175497772173>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367659019_Subjetivacao_como_estrategia_do_telejornalismo_na_defesa_da_ciencia. Acesso em: 22 maio 2024.

CALABRE, Lia. *No Tempo das Radionovelas*. Comunicação & Sociedade, v. 29, n. 49, p. 65-83, 30 jun. 2008. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v29n49p65-83>. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/761>. Acesso em: 09 dez. 2023.

CALABRE, Lia. *O Radio Na Sintonia Do Tempo: Radionovelas e Cotidiano (1940-1946)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2006. p. 248

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. *Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32043>. Acesso em: 26 nov. 2023.

DEJAVITE, F. A. A Notícia light e o jornalismo de infotenimento. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, 2007, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2023.

DEJAVITE, Fabia Angelica. Infotenimento nos impressos centenários brasileiros. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, [S.L.], v. 5, n. 1, p. 39-50, 18 jun. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2008v5n1p37>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p37>. Acesso em: 18 maio 2024.

DURANTE, D. Os usos de "você" como forma de indeterminação do sujeito no discurso de falantes cultos. *Signótica*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 533–556, 2016. DOI: 10.5216/sig.v28i2.35025. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/35025>. Acesso em: 8 out. 2024.

FERNANDES, Laís Cerqueira. *Histórias reais sobre pessoas reais: um estudo sobre as estratégias de storytelling do podcast Projeto Humanos*. Orientador: Christina Ferraz Musse. 2019. Tese Mestrado (Jornalismo) - Universidade Federal de Juiz de Fora, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/9965>. Acesso em: 22 out. 2023.

FORA DE Contexto - Episódio 2. Locução: Branca Vianna. S. I.: *Rádio Novelo Apresenta*, 2022 - atual. Podcast. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/fora-de-contexto/> Acesso em: 2023

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, v. 1. 152p. 2016.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. 96p.

MARIA E Café - Episódio 8. Locução: Branca Vianna. S. I.: *Rádio Novelo Apresenta*, 2022 - atual. Podcast. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/maria-e-cafe/> Acesso em: 2023

MARTINS, Nair Prata Moreira. *WEBRADIO: NOVOS GÊNEROS, NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO BELO HORIZONTE FACULDADE DE LETRAS*. UFMG 2008. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AIRR-7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf. Acesso em: 13 de out. 2023.

MAZZEU, F. Tipos de podcast: os principais formatos e abordagens. *Feedgurus*, Rio de Janeiro, 16 mai. 2023. Disponível em: https://feedgurus.com/tipos-de-podcast/#disqus_thread. Acesso em: 24 jul. 2024.

PRADO, Magaly. *História do Rádio no Brasil*. São Paulo: Safrá/Da Boa Prosa, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p

RÁDIO NOVELO Apresenta. Locução: Branca Vianna. S. I.: *Rádio Novelo Apresenta*, 2022 - atual. Podcast. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/> Acesso em 2023

REIS, Marco Aurelio; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Narrador dialógico na reconfiguração do Jornalismo pós-guerrilha subjetiva. *Rizoma*, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 27-47,

12 dez. 2022. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. <http://dx.doi.org/10.17058/rzm.v11i2.17923>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/17923>. Acesso em: 01 dez. 2023.

SAROLDI, Luiz Carlos et al. *Rádio Nacional O Brasil em sintonia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

THOMÉ, Cláudia (2015). *Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio*. Curitiba: Appris.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque; REIS, Marco Aurelio. Emoção editorializada como estratégia narrativa no telejornalismo. *XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2022. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202221021062f4470215f04.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Emoção e testemunho no Jornal Nacional: Estratégias narrativas no mês das 500 mil mortes pela Covid-19. *44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/claudia-thome.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

Transcrição do episódio "Fora de contexto". *Rádio Novelo Apresenta*. Episódio 2, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/fora-de-contexto/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

Transcrição do episódio "72 horas". *Rádio Novelo Apresenta*. Episódio 7, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/72-horas/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

Transcrição do episódio "Maria e Café". *Rádio Novelo Apresenta*. Episódio 8, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/apresenta/72-horas/>. Acesso em: 21 ago. 2024.

VAZ FILHO, Pedro Serico. A centenária Rádio Clube de Pernambuco: Registros em meios impressos documentam a origem da emissora pernambucana em 06 de abril de 1919. *ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*, 12., 2019, Natal. Anais. São Paulo: Alcar, 2019. p. 1 - 13.

VIANA, Luana. Desafios Metodológicos em Pesquisas de Rádio e Mídia Sonora: Uma Proposta de Análise Crítica da Narrativa em Podcasts. *Novos Olhares*, v. 12, n. 2, p. 26-37, 23 nov. 2023. Universidade de São Paulo. Agência de Bibliotecas e Coleções Digitais. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2023.216180>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/novosolhares/article/view/216180>. Acesso em: 01 maio 2024.

VIANNA, Branca. *Rádio Novelo Apresenta*. Rio de Janeiro, 2022—. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5FN1BLdgT0R4K8WhXOtcCx?si=1b90e2486e24431c>.

VICENTE, Eduardo. Gêneros e formatos radiofônicos. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/61.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2023.

APÊNDICE A - TABELA INTERCOM (2019 - 2023)

https://docs.google.com/document/d/1-RmyabMi_ak0kOeLuuNelf2S7-ZvVXCb38vxaaM1gwY/edit?usp=sharing

APÊNDICE B - TABELA SBPJOR (2019 - 2023)

<https://docs.google.com/document/d/19orqfDDrX5rUYzOO1vRjawJarCVddr8sDwHB3q-SWeU/edit?usp=sharing>